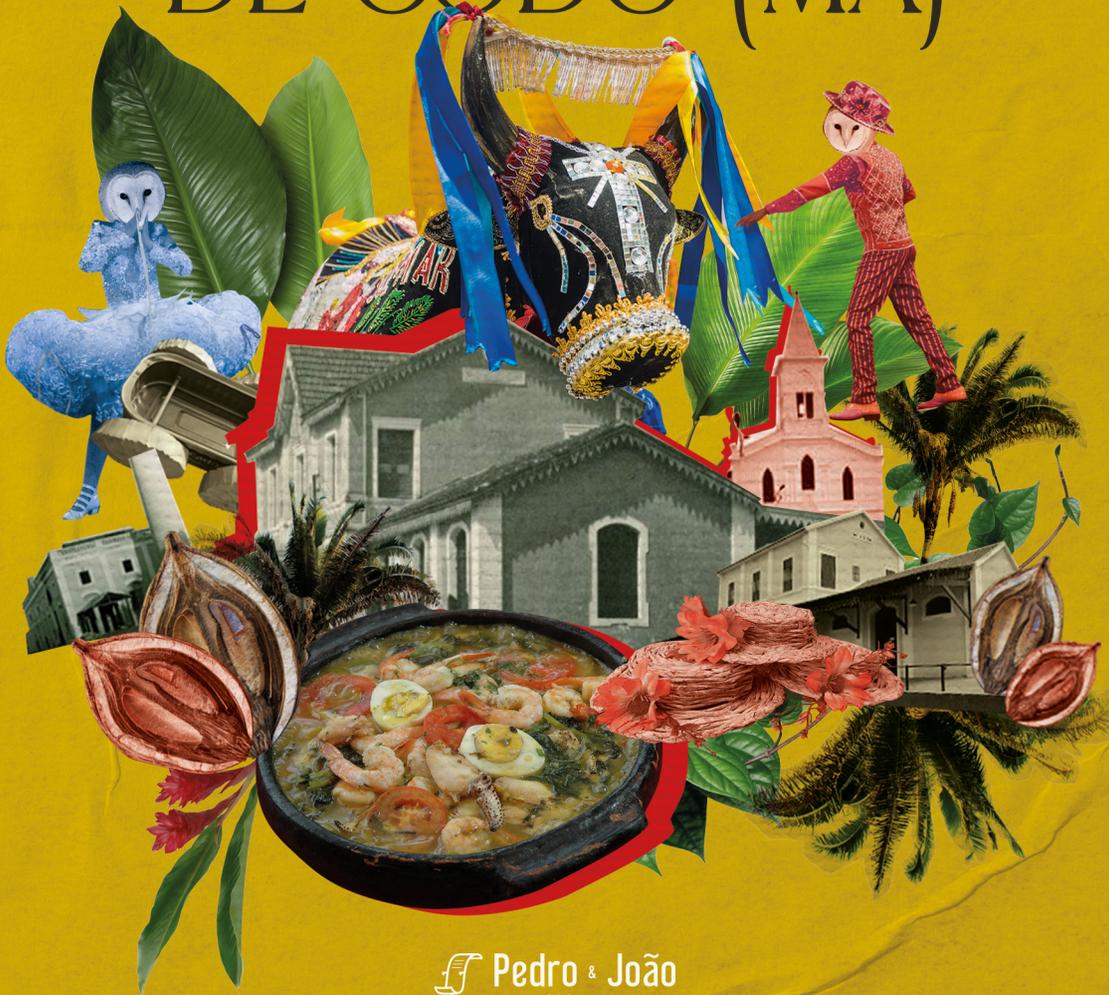


Organizadores

Cristiane Dias Martins da Costa
Danilo Araujo de Oliveira

ENCANTAR-SE PELAS CULTURAS DE CODÓ (MA)



ENCANTAR-SE PELAS CULTURAS DE CODÓ (MA)

**CRISTIANE DIAS MARTINS DA COSTA
DANILO ARAUJO DE OLIVEIRA
(ORGANIZADORES)**

**ENCANTAR-SE PELAS
CULTURAS DE CODÓ (MA)**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Cristiane Dias Martins da Costa, Danilo Araujo de Oliveira [Orgs.]

Encantar-se pelas culturas de Codó (MA). São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 152p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0485-7 [Impresso]

978-65-265-0486-4 [Digital]

1. Cultura maranhense. 2. Codó-MA. 3. Cultura brasileira. I. Título.

CDD – 370/900

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Revisão: Lourdes Kaminski

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
A TRADIÇÃO ORAL NAS TERRAS DE PRETOS José Carlos Aragão	
APRESENTAÇÃO	11
ENCANTAR-SE PELAS CULTURAS DE CODÓ Cristiane Dias Martins Costa, Danilo Araujo de Oliveira	
TEMA 1: ARTESANATO	15
Feito à mão: a influência do artesanato na cultura codoense Ana Beatriz Araújo Teixeira, Ana Carolina Cruz Cardoso, Cristina Araújo dos Santos, Márcia Regina Gonçalves Coelho Bacelar	
TEMA 2: BRINCADEIRAS	27
Revivendo a infância: brincadeiras tradicionais do município de Codó (MA) Francisca Marcia da Silva Batista, Maria Apoliana Almeida da Costa, Arleane Machado Santos	
TEMA 3: COMIDAS TÍPICAS	43
Culinária codoense, o sabor do Maranhão Jeiciane Emanuele de Almada Fortes, Joerlison Roniere Farias Souza, Maria Eduarda Mesquita Rodrigues	
TEMA 4: FESTIVIDADES/RELIGIÕES CODOENSES	61
Festejar com Fé Daniela de Abreu Vieira, Joane Karla Fontes dos Santos, Lívia Cecília Mesquita da Silva	

TEMA 5: MITOS LENDAS E CAUSOS	79
Histórias que o povo conta Caroline Feitoza Mohana, João Daniel Gomes Nascimento; Jordan das Chagas Felipe Alves, Maria Jacielma Quinto Rocha	
TEMA 6: MÚSICA	87
Cultura musical codoense: Nossa arte, nossas raízes Ana Tercia Morais da Silva, Carmem Célia Brandão, Rosimar da Silva Costa	
TEMA 7: PESSOAS ILUSTRES	105
Educação, cultura e criatividade de pessoas que contribuíram para formação da cidade de Codó (MA) Emanuele Vieira Cunha, Gisele Sena Freire, Odair Lima Maciel	
TEMA 8: POEMAS	121
Poetisas Codoenses Anna Karoline Santos de Sousa, Marcilene da Silva Lima Souza, Sammia Karine Bezerra de Sousa.	
TEMA 9: PONTOS TURÍSTICOS	129
Os pontos turísticos e históricos da cidade de Codó (MA) Jeiciane Emanuele de Almada Fortes, Joerlison Roniere Farias Souza, Maria Eduarda Mesquita Rodrigues	
TEMA 10: REMÉDIOS	139
Remédios naturais medicinais, Codó (MA) Elivane de Sousa da Silva, Juliana Nascimento Assunção Azevedo, Karine Evely Pereira da Silva	

PREFÁCIO

A TRADIÇÃO ORAL NAS TERRAS DE PRETOS

José Carlos Aragão

Professor Associado da UFMA

Centro de Ciências de Codó

A tradição oral faz parte da história africana e de sua trajetória afrodescendente na América. Contar e recontar fatos acontecidos com seus antepassados para as gerações futuras era uma missão delegada aos *griots*, contadores de história, cantores, poetas e musicistas da África Ocidental que tinham como objetivo preservar e manter vivas as histórias, os conhecimentos, as canções e mitos de seus ancestrais.

Nessa tarefa que envolve uma memória prodigiosa e uma narrativa eloquente, esses guardiões da memória e da história mantinham sempre entrelaçados no dia a dia dos africanos o presente e passado de seu povo através da oralidade. Esse ato narrar suas histórias de uma geração a outra foi visto por Jan Vansina na década de sessenta do século XX como uma “tradição oral” africana tão importante quanto a escrita.

No Brasil a tradição oral vinda com os africanos não se perdeu entre os que aqui chegaram e tampouco entre os afrodescendentes. Na verdade, ela se manteve presente nas lutas por liberdade, nas canções, na religião e na cultura passada de geração a geração, tornando-se “lugares de memórias” e história do povo negro, responsáveis pela preservação e difusão de saberes ancestrais às gerações posteriores.

O município de Codó, no estado do Maranhão, está fortemente envolvido com a tradição oral trazida pelos africanos que aqui chegaram na condição de escravizados. A herança africana tornou

esse território de pretos mundialmente conhecido como a “terra da macumba”. Ou ainda como alguns costumam dizer, a cidade da magia, dos Orixás, dos Encantados e do Terecô, esse último, maior culto religioso praticado nesse território afrodescendente.

Esse caldeirão das tradições africanas e afrodescendentes é sem dúvida um território que guarda muitas memórias, afinal, como ressalta o historiador italiano Alessandro Porteli, “cada pessoa é um amálgama de grande número de histórias em potencial” que estão vivas na memória individual e coletiva construída no cotidiano da família, da comunidade, da periferia, do terreiro e da cidade.

Esse potencial das histórias contadas, a partir da memória tornou a oralidade um campo de estudo que ganhou terreno nas universidades da Europa, após Segunda Guerra Mundial. A necessidade de contar as histórias dos grupos que sofreram genocídios, das minorias ou das chamadas classes populares, tornou o potencial oral das massas invisíveis ou invisibilizadas, um espaço fecundo de pesquisa da História Oral.

No Brasil, a História Oral desponta somente na década de setenta do século passado. Não obstante, foi somente a partir dos anos noventa que essa metodologia de trabalho da História ganhou ênfase nesse país de tradição de pesquisa histórica em documentos escritos. De fato, com a criação da Associação Brasileira de História Oral rompemos com algumas amarras das tradições institucionais de nossas universidades que tinha mais afinidade histórica com os arquivos e poucos vínculos com a história local e com os eventos oriundos da cultura popular.

As discussões teóricas acerca da História Oral que permearam o final do século passado trouxeram elementos novos para o trabalho do historiador. Dividiu-se a História Oral em três linhas de trabalho: História de Vida, História Temática e Tradição Oral. Esta última, objeto deste livro que envolve narrativas entrelaçadas no cotidiano, nos mitos e nos rituais de grupos marcados profundamente pela oralidade.

É, portanto, mergulhados nas memórias e nas histórias dos codoenses que os discentes da Universidade Federal do Maranhão, do Centro de Ciências de Codó, estiveram durante meses para contar, através da história oral e dos depoimentos coletados, as narrativas sobre o artesanato, as brincadeiras, as comidas típicas, as festividades/religião, os mitos, lendas e causos, as música, as pessoas ilustres, os poemas, os pontos turísticos e os remédios populares, frutos dos conhecimentos seculares da tradição africana e indígena.

Para chegar ao resultado final que agora está nas mãos do leitor foi preciso realizar um importante trabalho de campo com a realização de várias entrevistas para dar conta dos temas propostos pelos organizadores da obra. Assim, a opção pela História Oral se deu pela capacidade que essa metodologia tem para responder a lacunas históricas deixadas pela chamada história oficial que quase sempre marginaliza, exclui e invisibiliza as histórias e as memórias dos afrodescendentes.

A opção pela História Oral para dar conta das histórias e memórias das camadas populares no município de Codó se deve ao fato de que essa metodologia é a que pode estabelecer uma nova versão sobre determinados fatos acontecidos ao mesmo tempo que pode também concordar com eles. Ademais, a História Oral pode ainda servir para celebração e homenagem para um determinado grupo, assim como pode ser útil para uma acusação e contestação de determinado acontecimentos.

No caso aqui específico deste livro, a História Oral tem o objetivo de celebração e homenagem àqueles que carregam e guardam a memória e a história do município de Codó em suas vidas. Assim, o que ainda não está registrado em documentos escritos, é narrado por colaboradores que se dispuseram a socializar seus conhecimentos aos pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão.

Aliás, não podemos deixar de mencionar que são conhecimentos carregados de subjetividade que tornam os fatos narrados cheios de significados para os pesquisadores, os

colaboradores envolvidos e para você, leitor, que está sendo envolvido nessa trama, a partir da leitura das narrativas cunhadas neste livro.

Importa sublinhar aqui, ainda, que tudo que está exposto nesta obra não representa a totalidade dos acontecimentos e tampouco lança luz sobre a vasta história de Codó, mas traz importantes elementos da memória deste município e das pessoas a partir dos olhares sensíveis e atentos de mulheres e homens comuns que aceitaram compartilhar com os pesquisadores e com os leitores seus conhecimentos acerca dessas terras de pretos.

Codó (MA), 10 de abril de 2023.

APRESENTAÇÃO

ENCANTAR-SE PELAS CULTURAS DE CODÓ

Cristiane Dias Martins Costa
Danilo Araujo de Oliveira

Encantados da Mata foram homens e mulheres que em determinado momento de suas vidas, desapareceram, passando a viver na Encantaria. Eles não são vistos como mortos (ou eguns) e não vão voltar a viver entre os vivos através da reencarnação. A Encantaria é vista como um espaço limiar entre céu e terra, que se liga ao nosso plano de experiência por passagens estreitas como fendas de pedra, nascentes, etc. (AHLERT, 2013, p. 19).

Sentir-se atraído por; seduzir, cativar, fascinar. Provocar irresistível admiração. (Dicionário Online de Português)

Iniciamos essa apresentação, vinculando o termo *encantar*, disponível no Dicionário à definição de *encantados* que vem do Terecô, religião afro-brasileira que tem Codó como sua cidade berço, para mobilizar o sentimento de admiração e fascínio e as magias possíveis dessa religião e fazer a gente pensar as culturas de Codó como elemento imprescindível aos processos educacionais que acontecem nessa cidade. Encantar-se pela cidade é então um movimento de compreender as histórias, ritos, mitos, culturas que a constitui. Histórias essas que são objetos de luta, por isso, as narrativas podem ser contadas de muitos modos, a partir de perspectivas variadas. De todo modo, o conhecimento da cultura local não pode ser negado ao seu povo, pois “a cultura é o

conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última” (CORSINO, 2009, p. 42).

Concordamos com Moreira e Candau (2007, p. 27), quando afirmam que “quando um grupo compartilha uma cultura, compartilha um conjunto de significados, construídos, ensinados e aprendidos nas práticas de utilização da linguagem”. Nesse sentido, a palavra “cultura implica, portanto, o conjunto de práticas por meio dos quais significados são produzidos e compartilhados em um grupo” (CORSINO, 2009, p. 42). Assim, de certo modo, a cultura cria pertencimento, processos de identificação e subjetivação variados que precisam ser considerados nos processos educacionais.

Como um território em disputa, muitas culturas deixam de ser conhecidas nos currículos, pois priorizam-se e valorizam-se conhecimentos vindos de fora e suas respectivas culturas, o que cria atos de desvalorização, deslegitimação, negatização e exclusão da cultura local. Algo que faz parte de longo processo de colonização, responsável, por exemplo, pelas negatividades atribuídas às religiões de matriz africana.

Para desconstruir isso, acreditamos que precisamos de projetos educacionais comprometidos com os direitos humanos, com a defesa e garantia de que todo tipo de vida precisa ser vivível nos espaços educacionais, sem hierarquias e valoração diferenciados. Algo que não tem sido fácil nos tempos atuais. Assim, “o grande desafio é abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas” (CORSINO, 2009, p. 43).

Para isso, mobilizamos aqui histórias contadas pelos próprios moradores/as de Codó, que contam, recontam e visibilizam aspectos variados das diferentes culturas que encontramos nessa cidade. Podemos ver sendo constituídos aqui saberes históricos a partir das próprias experiências dos indivíduos, trazendo para as narrativas elementos de relações históricos e socioculturais. Nesse movimento, a constituição da cultura local “deixa de ser a história dos outros, para transformar-se na nossa história, feita de mudanças e permanências, semelhanças e diferenças” (RAMOS, 2006, p. 68).

A organização do livro é de autoria de um morador e uma moradora da cidade não nascente em Codó, mas que se encantaram com as curiosidades, belezas, sabores, surpresas e magias dessa cidade. É um livro feito por estudantes do curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Codó, da Universidade Federal do Maranhão, que produziram as informações a partir de entrevistas com moradores/as locais, que sentem orgulho de fazer e continuar construindo suas histórias a partir de suas narrativas, poesias, contos e trabalhos variados.

Encontram-se aqui dez temas: artesanato, brincadeiras, comidas típicas, festividades e religião, mitos e lendas, música, pessoas ilustres, poemas, pontos turísticos e remédios. Esperamos que esses temas proporcionem um (re)encontro das pessoas com as culturas de Codó, suas histórias e narrativas e com processos educativos que afirmem e hospedem as diferenças. E que também essas narrativas cheguem a outros espaços e culturas.

Parece-nos que para isso, precisamos em algum momento, talvez ser como os encantados da mata, habitar um espaço limiar, suspender preconceitos, perspectivas particulares, saberes colonizadores que nos fixam em espaços pré-determinados que não nos deixam ampliar nossos olhares e sentimentos para compreender um pouco mais de si e do/a outro/a que está tão perto de nós, que *faz parte desse nós*.

Referências

AHLERT, Martina. **Cidade relicário: uma etnografia sobre Terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão)**. 2013. 282 f. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CORSINO, Patrícia. A abordagem das diferentes áreas do conhecimento nos primeiros anos do Ensino Fundamental. **Programa Salto para o futuro: Anos Iniciais do Ensino**

Fundamental. Secretaria de Educação a Distância, Ministério da Educação, Brasília, nº12, 2009.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria.

Indagações sobre o currículo: currículo, conhecimento e cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2007.

RAMOS, Lopes Régis Franciso. A memória do objeto no ensino de história. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria

(org.). **Jornadas internacionais de Educação Histórica** **Perspectivas de investigação em Educação Histórica.** Curitiba: Ed. UTFPR, 2007. p.63- 75.

TEMA 1: ARTESANATO

Feito à mão: a influência do artesanato na cultura codoense

Ana Beatriz Araújo Teixeira

Ana Carolina Cruz Cardoso

Cristina Araújo dos Santos

Márcia Regina Gonçalves Coelho Bacelar

Panorama histórico e cultural do Artesanato

Outro fenômeno muito presente na cultura codoense é o artesanato. Historicamente o Artesanato é uma arte praticada desde a antiguidade, tendo seu surgimento no período pré-histórico por volta de 6.000 a.C (LIMA,2020). Essa arte, tal qual nós conhecemos hoje, decorreu devido às necessidades de sobrevivência dos homens pré-históricos, pois havia uma necessidade de produzir objetos que rotineiramente eram utilizados e até mesmo a confecção de adornos. Outro fator importante para a disseminação e popularização dessa arte no curso da história da humanidade foi o aprimoramento da prática da caça, onde os primatas passaram a procurar melhor os objetos existentes na natureza e passaram a modelá-los, de acordo com suas necessidades, tais como tecer/entrelaçar fibras vegetais, polir pedra, fazer cerâmica, amolar madeira, etc. Em função disso, os objetos que eles criaram, manualmente, tornavam suas vidas mais fáceis, pois passaram a ter ferramentas que ajudariam na caça, na construção de casas, lanças, dentre outros. Contudo, a criação desses itens e o manuseio deles evidenciam a capacidade do ser humano de inventar, inovar e criar muitas decorações, sendo então

possível implementar essa habilidade de produção e criação como forma de trabalho.

Entendemos que os objetos produzidos no período pré-histórico foram usados para criar novas obras, a partir da matéria-prima, como por exemplo, as roupas que usavam para a caça. Ferramentas de pedra e madeira foram usadas para criar molduras e a prática da pintura também foi amplamente utilizada, é o que conhecemos e denominamos de pintura rupestre. A respeito da matéria prima do artesanato, Martha Lohane Silva Lima diz que:

A matéria prima do artesanato é considerada toda a substancia principal, que tenha origem animal, vegetal ou mineral, e que é utilizada na produção artesanal, passando assim por um tratamento e/ou transformação de natureza sendo ela física ou química, o que acarreta em bem de consumo. A mesma também pode ser utilizada em seu estado natural, após serem processadas artesanalmente, industrialmente ou até mesmo decorrentes de processo de reciclagem e/ou de reutilização (LIMA, 2020, p. 15).

No mundo contemporâneo, conhecemos o artesanato a partir de pessoas que se dispõem a trabalhar e inovar utilizando as mãos, a paciência e a imaginação, homens e mulheres que estão dentro de seus lares confeccionando e esculpindo obras culturais de grande valor para a sociedade e, principalmente, para sua cidade. Vale destacar que o artesanato é uma fonte de renda para muitas famílias codoenses e também de outras regiões brasileiras. Outrossim, existem diversos tipos de artesanatos, entre eles estão o crochê, a confecção de vasos, artesanato em EVA e vários outros.

No Brasil, o surgimento do artesanato se dá primeiramente dentro das diversas tribos indígenas, onde os povos indígenas utilizam pigmentos naturais com misturas de frutas silvestres para produzir tinta para as pinturas corporais. Também utilizavam sementes, ossos de animais e pedras para fazer colares e pulseiras. Cita-se, ainda, a produção de cerâmica e a arte de plumaria, como peças de vestuários (LIMA,2020), sendo dessa forma uma prática

comum entre os povos indígenas, desde muito antes da invasão portuguesa.

A prática do artesanato, como já dita, é comum aos codoenses, sendo um marco cultural para a cidade e, também, como fonte de renda para muitos moradores. Pensando nisso, entendemos como necessário, contemplar tal atividade nesse livro.

O município de Codó, que fica localizado na região Leste do Maranhão é rico em palmeiras do coco babaçu, fruta essa que serve tanto para a alimentação das famílias codoenses, como também uma porta para grandes criações de artesanatos feitos com coco babaçu.

Dessa forma, grande parte das famílias de Codó faz uma importante renda, através do aproveitamento do coco babaçu. A atividade de extração dessa fruta, na maioria das vezes, é realizada por mulheres que com grande força tentam suprir as necessidades econômicas de suas casas, tendo em vista que muitas vezes são mães solteiras que tem esse dever em suas mãos de alimentar os seus filhos. Por conta disso, surgiu no ano de 1991 a MIQCB que significa Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, que tem por função lutar em prol da organização social, política e econômica, grupo esse que tem por liderança mulheres quebradeiras do coco babaçu. Ao citar que ele é um movimento interestadual, significa que é um movimento que abrange mais estados da região Nordeste e região Norte, aonde também pode se encontrar outros grupos de mulheres que sobrevivem e ganham suas rendas, através do trabalho com o coco babaçu e também com outros materiais, como será apresentado no decorrer das entrevistas.

Figura 1 - Imagem de Dona Judith



Fonte: arquivo das autoras deste capítulo.

Nome da entrevistada: Maria Judith Dias Salazar

Ano do nascimento:1943

Gênero: feminino

Ocupação: Professora aposentada

Biografia: Maria Judith Dias Salazar nasceu no povoado Colônia, localizado no município de Codó, nasceu no ano de 1943. Aos dez anos de idade iniciou seu trabalho no ramo do artesanato, produzindo panelinhas, potes, cachimbos, colheres e pratos com um barro que era semelhante à argila. A argila é encontrada em um povoado próximo, chamado de Olho d'água. D. Maria Judith fala também sobre a produção de objetos com tecido, tais como bonecas de pano, cabelo, chapéu, etc..

A história de Dona Maria Judith com o artesanato iniciou ainda muito cedo quando com apenas 10 anos teve seus primeiros

contatos com artesanato feito com barro e que na sua infância serviu para uma produção amadora de panelinhas, potes e outros objetos, fazia também peças com tecido. A respeito dessa época de sua vida, relata:

Fazia diversas coisas com barro encontrado no povoado que ficava depois da colônia, chamado Olho d'água, tinha uma lagoa que pegávamos barro que era mesmo que uma argila, fazia panelinha, pote, cachimbo, colher, pratos, fazia tudo, fazia que imaginava, assim também como fazia várias coisas de tecido, como bonecas de pano. Fazia cabelo, chapéu, fazia tudo.

O artesanato, arte presente na cultura codoense, hoje é para muitos, fonte primária do sustento familiar, no entanto, os artesões enfrentam diversas dificuldades para o desenvolvimento do seu trabalho. Dona Judith (como é conhecida) reconhece essas dificuldades que ela mesma já enfrentou. Dentre inúmeras dificuldades, cita:

Hoje a dificuldade para trabalhar com artesanato é o material que está escasso, o custo de vida que tudo depende de ter um incentivo para a gente comprar o material, tudo está muito caro, tanto o verniz como qualquer tipo de tinta, assim como a cola.

No entanto, não são somente os recursos em falta que dificultam esse trabalho, mas outros fatores como a instabilidade, sendo um trabalho valorizado por épocas e também um “adversário” que é o avanço tecnológico, que para Judith afeta diretamente o artesanato, quanto a isso ela diz:

Futuramente quem tiver uma revista, um livro, será em breve material de museu, com todo esse avanço de tecnologia chegará um tempo que em que o artesanato deixará de existir, as pessoas não chegarão a conhecer papel.

Levando em conta as dificuldades que são apresentadas, faz-se necessário a adaptabilidade por parte de muitos artesãos, assim torna-se viável a substituição de matérias, diante das condições

econômicas e dos recursos disponíveis. Ainda que ciente de todas as dificuldades, Dona Judith quando questionada sobre a possibilidade de parar, responde:

Pensar em parar de trabalhar com artesanato é algo que eu não conseguiria, quando eu fico um tempo sem fazer por não ter encomenda, me dá uma saudade.

Apesar das dificuldades encontradas no âmbito da produção do artesanato, ele apresenta inúmeros benefícios às famílias que lidam com esta arte. A artesã reconhece o valor deste trabalho: “O meu trabalho é uma contribuição a preservação da natureza, do meio ambiente. Porque tudo se recicla”.

Dona Judith utiliza papel, verniz e cola feito com tapioca para a criação de suas obras. Vejamos a seguir imagens de suas criações:

Figura 2 - Criações de Dona Judith



Fonte: arquivo das autoras deste capítulo.

Figura 3 - Chapéu feito com jornais.



Fonte: arquivo das autoras deste capítulo.

Nome da entrevistada: Odete Lima dos Santos

Ano do nascimento:1952

Gênero: feminino

Ocupação: dona de casa e Artesã

Figura 4 – Imagem de Dona Odete.



Fonte: arquivo das autoras deste capítulo.

Biografia: Odete Lima dos Santos nasceu em Codó, no ano de 1952. Iniciou seu trabalho no artesanato quando era muito nova, quando teve a curiosidade de aprender com sua vizinha. Nos dias de hoje, trabalha com artesanato para o exercício da memória, tal como ela própria diz.

O artesanato é um trabalho manual que traz diversos benefícios para a vida de quem desenvolve esta prática, inclusive para a vida dos idosos, pois promove bem-estar, reduz o estresse, melhora a autoestima e desenvolve a criatividade.

Odete Lima relata que:

O artesanato na minha vida serve como um exercício para a memória, para ficar mais esperta, ficar com a mente viva, até pela idade que tenho para eu não ficar tão esquecida, e todo esse trabalho serve muito, porque tem que conferir cada ponto, então faz eu reavivar a memória, para mim é um estilo de vida para melhorar a memória, melhorar à minha maneira de ver, minha visão e como eu não tenho leitura, até de conferir.

O artesanato além de trazer diversos benefícios como aqui citados, é importante para a economia e para a cultura do país. De acordo com a Lei nº 13.180/2012, assinado pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social, Miguel Rosseto. Embora, seja uma prática importante para muitas famílias, que tem o artesanato como sustento, muitas dificuldades são encontradas.

Observamos que o artesanato, para muitas famílias, foge do quadro decorativo, ele é um importante instrumento para manter a memória ativa e para a renda familiar. Dona Odete utiliza em suas criações, linhas de crochê. Com sua permissão conseguimos imagens de algumas de suas belas peças, como se pode ver a seguir:

Figura 5 – Toalha de mesa



Fonte: arquivo das autoras deste capítulo.

Figura 6 – Tapete amarelo



Fonte: arquivo das autoras deste capítulo.

Figura 7 – Imagem de Dona Jesuíta



Fonte: arquivo das autoras deste capítulo.

Nome Entrevistado/a: Jesuíta Sampaio Lima

Ano do nascimento: 1976

Gênero: Feminino

Ocupação: Artesã

Biografia: Pertencente à uma família de artesões, A senhora Jesuíta está há 20 anos no ramo do artesanato e também, há 20 anos participa de feiras. Seus artesanatos são variados, sendo produzidos a partir da fibra do coco, mas também de papel (papetagem) e biscuit. Hoje a artesã também desempenha um trabalho terapêutico com o artesanato no Centro de Atendimento Psicossocial- CAPS, da cidade de Codó, com dependentes alcoólicos e pessoas com problemas de depressão.

Abaixo, podemos observar algumas das incríveis peças da artesã Jesuíta:

Figura 8 – Porta lápis e canetas



Fonte: arquivo das autoras deste capítulo.

Figura 9 – Enfeites decorativos.



Fonte: arquivo das autoras deste capítulo.

Onde encontrar as artesãs?

Para que quem deseja conhecer um pouco mais sobre a produção artística dessas artesãs, seguem algumas informações:

Dona Judith: Rua Marechal Castelo Branco, bairro São Pedro.

Dona Odete: 2º Travessa Cristóvão Colombo, n. 12, bairro São Raimundo.

Dona Jesuíta: Av. Primeiro de Maio, n. 2722, bairro São Sebastião.

Referências

ANDRADE, Sthefane. A origem do artesanato. **African Artesanato**, 10 mai.2021. Disponível em: <https://www.africanartesanato.com.br/blogs/blog-do-artesanato/a-origem-do-artesanato#:~:text=O%20artesanato%20%C3%A9%20um%20costume,sobreviv%C3%A2ncia%20dos%20homens%20pr%C3%A9%20hist%C3%B3ricos>. Acesso em: 24 nov.2022.

LIMA, Martha Lohane Silva. **O artesanato como forma de manifestação cultural e sua contribuição socioeconômica**: um estudo sobre o mercado do artesanato de Penedo – AL. 2021. (Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Ciências Econômicas). Unidade Educacional Santana do Ipanema, Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Santana do Ipanema, 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/8311>.

Acesso em: 24 nov.2022.

OLIVEIRA, Valdiane da Cruz. **Extratativismo do babaçu**: trabalho, renda e inclusão social para as mulheres quebradeiras de coco babaçu, em Codó-MA. (Monografia, curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História). Universidade Federal do Maranhão. Codó-MA 2019, p.61.2019. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/4032>. Acesso em: 04 dez. 2022.

TEMA 2: BRINCADEIRAS

Revivendo a infância: brincadeiras tradicionais do município de Codó (MA)

Francisca Márcia da Silva Batista
Maria Apoliana Almeida da Costa
Arleane Machado Santos

Nome do entrevistado: Francisco Nascimento Brandão

Idade: 63 anos

Gênero: Masculino

Ocupação: Trabalhador rural

Biografia: Seu Francisco é morador da zona rural da cidade de Codó (MA), foi entrevistado na rua Antônio Alexandre, no bairro São Benedito, da cidade de Codó, onde se encontra a residência de sua mãe Dona Maria Marcelina. Seu Francisco é lavrador, tem 63 anos de idade, começou a trabalhar na roça (pequena propriedade agrícola onde cultiva frutas, hortaliças e alguns cereais), desde muito cedo e o faz até hoje. Segundo ele, não teve muito tempo para brincar, pois tinha que trabalhar e seu passatempo favorito quando criança era brincar de jogar bola com os amigos.

Nome da entrevistada: Maria Marcelina Brandão

Idade: 82 anos

Gênero: Feminino

Ocupação: Dona de casa e aposentada

Biografia: Mora na rua Antônio Alexandre, bairro São Benedito, mãe do seu Francisco Nascimento Brandão, atualmente, mora sozinha e o filho vem lhe ver frequentemente. Segundo ela, trabalhava com os afazeres domésticos e trabalhos da roça.

Atualmente, está aposentada, informou que tinha pouco tempo pra brincar por conta do trabalho e brincava com bonecas de milho e de pano que ela mesma confeccionava.

Nome do entrevistado: Ivaldete Moreira Dias

Idade: 67 anos

Gênero: Masculino

Ocupação: Aposentado e vendedor de cartelas

Biografia: Morador da cidade de Codó (MA), mora com a esposa e os filhos, tem 67 anos, é aposentado e vendedor de cartelas na praça da Estação Café (antiga estação de trem). É um senhor muito simpático, nos informou que fez magistério em Administração, que trabalhou quando criança, mas também brincou muito com seus amigos, tempo que confeccionavam seus brinquedos e brincavam em grupos de meninos e meninas.

Nome da entrevistada: Rosa Machado Palhares

Idade: 54 anos

Gênero: Feminino

Ocupação: Trabalhadora rural

Biografia: Mora no interior de Codó, povoado Cordileia, trabalha na roça e é autônoma, começou a trabalhar muito cedo. A mesma conta que na época de criança, para ir pra escola era difícil, porque não tinha escolas na localidade em que morava, então o que restou foi trabalhar no pesado, tem 8 filhos e atualmente mora apenas com o marido, os filhos todos moram em outras cidades. Dona Rosa nos contou com entusiasmo, sobre as brincadeiras e as boas lembranças. Muito expressiva, dava boas gargalhadas ao decorrer da entrevista.

Nome do entrevistado: Antônio dos Santos Filho

Idade: 55 anos

Gênero: Masculino

Ocupação: Trabalhador rural

Biografia: Mora no interior de Codó, povoado Cordileia, trabalha na roça, contou que começou a trabalhar muito cedo e quando criança, por não ter incentivo para estudar, acabou não indo para a escola. Nos contou que morava com os avôs. Relatou que tinha muita vontade de estudar, aprender a ler e a escrever, contou que seu avô dizia pra ele que trabalhar na roça, era a única coisa que ele podia lhe ensinar, relatou com o olhar de tristeza. Trabalha na roça e hoje por problemas de saúde não aguenta mais trabalhar no pesado, tem 7 filhos e mora apenas com sua esposa, Dona Rosa, os filhos vivem todos em outras cidades.

Nome do entrevistado: José Maria Souza Sampaio

Idade: 64 anos

Gênero: masculino

Ocupação: Agrimensor, atualmente, aposentado

Biografia: Mora na rua Antônio Alexandre, bairro São Benedito, da cidade de Codó (MA). Mora sozinho, atualmente está aposentado. Antes exercia a profissão de agrimensor (profissional que mede, divide ou demarca hectares de terras ou propriedades rurais de devidas áreas). Seu Antônio nos informou que brincou muito na infância, principalmente de “passarinhar” (caçar passarinho nos matos com baladeira), que trabalhou quando criança, mas também brincou muito.

Brincadeiras são comuns na infância, possibilitam à criança adquirir diversas aprendizagens. De acordo com Fortes (2008, p. 19), “as brincadeiras possibilitam às crianças o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e muitos momentos de prazer, diversão e alegria”. Tendo em vista, que as brincadeiras acabam se perpetuando ao longo de nossas vidas, ou seja, contribuem para a constituição de quem somos e de nosso caráter, reafirmamos a importância do brincar na infância. Muitas brincadeiras permanecem, o que pode mudar são os modos de brincar, os espaços e os sentidos das brincadeiras.

Desta maneira, percebemos que assim como o mundo vem se transformando, depois do surgimento da tecnologia, as brincadeiras das crianças foram também se modificando com o tempo. Muitas brincadeiras tidas como da cultura de uma determinada região, vão passando de geração a geração, no decorrer do tempo, contudo, algumas brincadeiras conservam seus modos tradicionais, entretanto outras vão sofrendo alterações (CHAVES *apud* AGUIAR, 2016).

Ainda de acordo com estes pesquisadores que citamos,

cada vez mais, na sociedade contemporânea, as crianças vêm perdendo o contato com brincadeiras e brinquedos tradicionais, que vêm sendo substituídos por equipamentos tecnológicos como computadores, videogames, brinquedos interativos e televisores (CHAVES *apud* AGUIAR, 2016, p.10).

Por conta dos modos de vida na sociedade contemporânea e o distanciamento que ocorre em algumas famílias, a tecnologia está se tornando uma espécie de válvula de escape para a diversão e o entretenimento das crianças, talvez, por facilidade de acesso e por serem “mais atrativas”, o que ocasiona um esquecimento das brincadeiras tradicionais.

As brincadeiras tradicionais proporcionam às crianças o desenvolvimento cognitivo, psíquico, sendo fundamental para sua sociabilidade e atuação na sociedade, “a criança agrega nas brincadeiras, sua cultura, sua interpretação de mundo, que permite uma interação por meio das imitações da vida secular, contribuindo para seu desenvolvimento” (SOUZA; SOUZA LIMA; NEGREIROS, 2016, p.18).

Desta forma, focamos no esquecimento das brincadeiras tradicionais, resgatando um pouco desta cultura modificada e esquecida, ressaltaremos o município de Codó, fazendo um resgate de algumas brincadeiras tradicionais da região, que vem perdendo espaço diante do universo tecnológico. Para isso, foram

fundamentais as entrevistas realizadas com moradores naturais do município.

A maioria dos entrevistados relatou não recordar muito bem das brincadeiras, por já serem pessoas idosas, no entanto, alguns detalharam com clareza, algumas brincadeiras que dificilmente se vê nos dias atuais.

Um dos entrevistados nos relata que na sua infância dentre as brincadeiras mais comuns estavam os jogos de bola. Eram realizados, geralmente, na porta de casa com bolinhas de borracha. Outro morador de Codó nos disse ainda que costumava brincar com seus amigos na praça da Igreja Matriz e que dificilmente brincavam de outra coisa, que em sua época, raramente se viam brinquedos comprados e a maioria das brincadeiras e objetos utilizados eram inventados e confeccionados por eles mesmos.

Foi citado pelos entrevistados um brinquedo muito comum no tempo atual - o carrinho - no entanto, esse brinquedo era confeccionado por eles com materiais recicláveis, era feito com litro de óleo ou lata de sardinha, os pneus eram feitos com sandálias de borrachas, chamadas por eles de “japonesa”. Cortava-a em círculos para fazer as rodas do carrinho. Outro brinquedo mencionado foi a gaiola, muito utilizada por eles para prender passarinhos, utilizavam talo da palha da palmeira de buriti¹ e talo das palhas da palmeira do coco babaçu², para confeccionar suas próprias gaiolas, ainda são muito vistas pela cidade.

Um brinquedo tradicional ainda muito conhecido por algumas crianças é a baladeira, utilizados por eles, segundo alguns relatos para *passarinhar*, como chamavam a brincadeira em que se juntavam em grupos de garotos e iam para o mato em busca de passarinho. Seu José Maria nos mencionou, detalhadamente, essa

¹ Buriti é o fruto de uma palmeira conhecida como buritizeiro, encontrada com muita frequência no bioma cerrado, mas pode ser encontrado em outros biomas, desenvolve-se em terrenos alagáveis e brejos.

² Babaçu é uma palmeira típica da região nordeste do Brasil, que produz o coco de onde se extrai as amêndoas. A palmeira e seus frutos são utilizados para diversos fins, faz parte da economia da cidade de Codó (MA).

brincadeira, nos informou que ainda possui uma baladeira e que essa era sua brincadeira preferida.

Dona Maria Marcelina nos falou que as brincadeiras de seu tempo eram baseadas em brincar de boneca e de roda, nos contou que suas bonecas eram de pano e nesse tempo não existiam bonecas de fábrica, sua mãe comprava as bonecas de pano e ela brincava dentro de casa mesmo. Ressaltou que sempre morou na cidade de Codó, ao falar sobre as brincadeiras de roda, disse que muitas eram para cantar e dançar.

Um dos entrevistados, seu Ivaldete, foi encontrado em uma das praças da cidade, vendendo cartela de sorteios. Ele nos contou várias brincadeiras de seu tempo de criança e detalhou como se brincava cada uma delas. O codoense ainda nos relatou várias percepções suas, sobre as brincadeiras e as crianças de atualmente, como os outros entrevistados já tinham nos relatado, o que mais gostavam era brincar de bola na rua, eles marcavam um pedaço do chão para brincar e nos campinhos de futebol que existiam naquela época. Segundo ele, é muito difícil ver crianças brincando das brincadeiras da sua infância, as mais frequentes, atualmente vistas é a de futebol e que as crianças estão muito mais ligadas em aparelhos eletrônicos. Pela sua perspectiva, atualmente, as crianças têm acesso muito cedo às tecnologias, o que tira a atenção da criança para as brincadeiras tradicionais.

Questionado sobre se essas brincadeiras ainda existem no tempo atual, o codoense nos relatou que sim, e que as brincadeiras devem ser preservadas, buscando incentivar e estimular as crianças a brincar, para não caírem no esquecimento, pois são brincadeiras importantes para o desenvolvimento da criança. Ao ser perguntado sobre o que as meninas brincavam, o idoso disse: “as meninas também participavam, jogavam peteca, jogavam bola, a gente brincava de comidinha, casinha e ainda formava um casazinho, escolhia um para ser o pai, outra para ser a mãe, já que tinha os pais e os filhos, era assim”.

Os entrevistados relataram sobre a boneca de sabugo de milho que eram usadas para brincar, principalmente pelas crianças de

classes sociais mais baixas, uma das entrevistadas nos contou que as bonecas de sabugo de milho eram tiradas por eles quando o milho ainda estava novo, ou seja, ainda não estava bom para colher. As “bonecas de milho” como são, popularmente, chamadas as espigas de milho na região, eram colhidas para brincar de bonecas pelas crianças. Foram mencionadas também as brincadeiras de casinha, onde confeccionavam panelinhas de barro para brincar de fazer comidinha.

Brincadeiras e brinquedos citados pelos moradores entrevistados de Codó (MA)

Carrinho de lata de sardinha

Figura 1 – Carrinho de lata de sardinha



Fonte: arquivo das autoras deste capítulo.

Materiais para fazer o carrinho:

- 1 lata de sardinha;
- 1 sandália de borracha;
- 2 palitos de churrasco ou gravetos;
- Faca ou algum objeto cortante;
- Chave de fenda.

Passo a passo de como fazer:

1. Com a chave de fenda faça dois furos de cada lado da lata de sardinha para colocar os palitos de churrasco.
2. Com a faca ou um objeto cortante, corte a sandália de borracha para fazer 4 círculos iguais para os pneus do carrinho.
3. Após feito 4 círculos, faça um furo no meio de cada círculo para colocar o palito de churrasco que vai ser o eixo do carrinho.
4. Pegue um palito de churrasco e coloque um dos pneus na ponta, após fazer isso, passe o palito pelos 2 furos da lata de sardinha, corte o excesso do palito e encaixe o outro pneu, deixando um espaço para girar. Repita o mesmo processo com os outros pneus.
5. Decore seu carrinho como desejar.

Bola de gude (ou peteca)

Regras:

1. Retirar as bolas de gude do círculo somente com a peteca (como eram popularmente chamadas as bolas de gude) que escolheu para jogar.
2. As bolas de gude que saírem do círculo é da pessoa que jogou.
3. É proibido tirar as bolas do centro do círculo, somente as que saírem para fora com a bola lançada podem ser retiradas

Como se brinca:

Primeiramente, se faz um círculo no chão de terra batida, que seja bem visível, cada jogador coloca a mesma quantidade de bolas de gude no círculo, cada um escolhe a sua bola de gude para jogar. O objetivo é retirar as bolas de gude que estão no círculo, os jogadores vão intercalando as jogadas e as bolas que saírem para fora do círculo ficam com o jogador que as tirou. Ganha o jogador que ao final do jogo tiver a maior quantidade de bolas de gude.

Baladeira ou estilingue

Figura 2 – Brinquedo baladeira



Fonte: arquivo das autoras deste capítulo.

Observação: A baladeira pode ser comprada pronta ou confeccionada manualmente

Materiais para fazer a baladeira:

- 1 forquilha (que consiste em um pedaço de um galho de uma árvore que se divide em dois);
- Um pedaço de coro;
- 2 pedaços de borracha, popularmente chamado na região como soro de baladeira (sendo chamado em outros lugares de tripa de mico e garrote), ou 2 pedaços de uma câmara de pneus de bicicleta, carro ou moto.

Passo a passo de como fazer:

1. Para fazer a baladeira pegue a forquilha e um dos pedaços de soro de baladeira e amarre em uma das duas pontas da forquilha com um pedaço da liga. Repete-se o mesmo trabalho com o outro pedaço de soro.

2. Depois, com o pedaço de coro, corte em formato de retângulo e arredonde as pontas.

3. Faça um furo em cada lado, dos lados menores do retângulo, em seguida, passe um dos soros amarrados na forquilha, pelo furo e amarre com a liga. Repita o mesmo procedimento com o outro pedaço de soro.

Regras:

- Nessa brincadeira, ganha o competidor que acertar o alvo e fizer mais pontos.
- Cada alvo vale 1 ponto.
- A quantidade de alvos fica a critério.
- Cada participante tem direito a 10 “tiros” de baladeira.
- É definida uma distância para os competidores se posicionarem e atirar.
- É proibido mirar em passarinhos ou qualquer outro ser vivo.

Como se brinca:

Para se brincar, se posicionam os alvos em alinhamento paralelo, a quantidade de alvos é escolhida pelas crianças que estão brincando ou pela organização se for um campeonato, os alvos podem ser latas. Se escolhe uma distância para que os competidores se posicionem para atirar, cada alvo vale um ponto e cada participante tem direito a 10 tiros de baladeira, ganha ao final da competição o jogador ou jogadora que possuir a maior quantidade de pontos. O jogo pode ser feito também por etapas, conforme vão acontecendo os jogos, os jogadores que possuem mais pontos vão passando para a fase seguinte, até chegar à final, com 2 competidores e fazer o último jogo para ver quem sai vencedor.

Brincadeiras de roda

Regras:

- As crianças ficam em roda de mãos dadas.
- Vão girando e cantando.

- A criança escolhida para entrar na roda tem que dizer um verso, quando a música acabar.
- Nessa brincadeira não existem ganhadores, a mesma tem como foco a diversão das crianças.

Como se brinca:

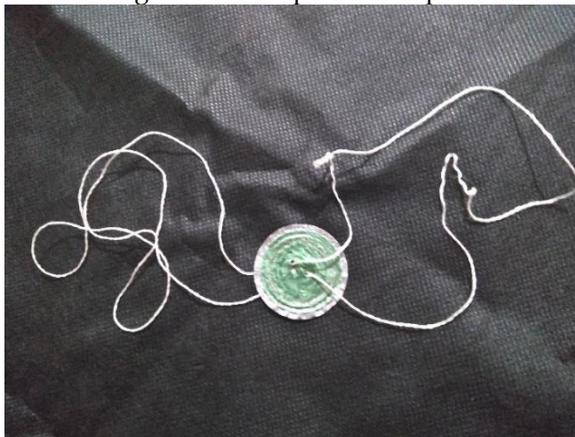
Em grupo, as crianças fazem uma roda e dão as mãos, elas escolhem uma canção para cantar enquanto vão girando, após terminar a música é escolhido uma criança para ficar no meio da roda e dizer um verso. Depois, as crianças continuam girando e cantando, isso vai se repetindo até a última criança entrar na roda e dizer o seu verso.

Versos citados pelos entrevistados:

- Tudo que eu sou vem de ti, toda felicidade começou quando eu te vi;
- O amor é isso querida, isso apenas e nada mais, duas vidas em uma vida em duas almas iguais;
- Coração que é vencido quase sempre tem razão e a razão que sempre vence nunca teve coração;
- Fingiste que me amava, eu fingi que acreditei, foste tu que me enganaste ou foi eu que te enganei.
- Oh rosa, rosa amarela, rosa amarela eu sou, rosa amarela, rosa branca meu amor:
- Quando eu era pequenininha do tamanho do botão, carreguei papai no bolso e mamãe no coração, o bolso era furado e papai caiu no chão.

Corrupio ou carrapeta

Figura 3 – Brinquedo carrapeta



Fonte: arquivo das autoras deste capítulo.

Regras:

- Não machucar os outros intencionalmente.
- Brincam 2 pessoas.
- Ganha aquele que conseguir cortar a linha do outro corrupio.

Materiais para fazer a carrapeta

- Tampa de garrafa feita de metal;
- Linha;
- Um objeto pontiagudo para fazer dois furos na tampa;
- Martelo.

Passo a passo de como fazer:

1. Pegue a tampa de metal e bata nela com um martelo até ela se tornar reta, ou seja, ficar um círculo plano.
2. Faça dois furos no meio.
3. Pegue um pedaço de linha e passe as duas pontas pelos dois furos, depois dê um nó nas duas pontas.

Como se brinca:

O objetivo é girar a carrapeta até a linha ficar torcida, em seguida deve-se puxar a linha com os dedos. O objeto redondo fica girando sozinho, aí, a pessoa com a carrapeta girando tenta cortar a linha do adversário. Ganha o competidor que cortar primeiro a linha.

Obs.: É um brinquedo muito perigoso para crianças pequenas por ser cortante.

Esconde-esconde

Regras:

- Os participantes devem se esconder em um bom lugar, que seja difícil de os encontrar.
- Bater antes de ser encontrado.
- Uma criança fica contando (números de 1 a 10). Durante este tempo, as outras crianças se escondem.
- A criança que conta tem que procurar as outras.

Como se brinca:

Esconde-esconde se brinca em grupo, o grupo escolhe uma pessoa para ficar contando (de 1 a 10), em um determinado lugar, de olhos fechados enquanto os outros vão se esconder, geralmente, essa brincadeira era feita nas ruas da cidade, no entanto, pode ser realizada em qualquer espaço grande o suficiente e com elementos em que as crianças possam se esconder. Após todos se esconderem, gritam “valeu”, aí a criança que está contando, grita “lá vou eu” e começa a caçar os colegas. O objetivo é que as crianças fiquem escondidas e não sejam achadas, para se salvarem de serem encontradas e ganhar o jogo, correm quando tiverem a oportunidade, até o lugar onde a criança estava contando e gritem “bati”. Já o objetivo da criança que está procurando, é encontrar o local que as outras crianças estão escondidas, voltar correndo para onde estava contando e gritar “1, 2, 3, falar o nome do colega e dizer onde está escondida”. Caso a criança que está escondida veja que a

criança que está procurando a encontrou, as duas correm e a primeira que bater no ponto combinado, ganha o jogo.

Bombakinho

Regras:

- As crianças ficam em fila.
- É proibido empurrar os colegas na fila.
- Escolhem uma das duas opções de frutas.
- Ganha a equipe que fazer a outra ultrapassar a linha.

Como se brinca:

Bombakinho se brinca em grupo, são escolhidas duas crianças para serem os líderes dos grupos, cada uma escolhe uma fruta sem que os colegas saibam qual é a fruta, os outros formam uma fila e as duas crianças líderes dão as duas mãos e arribam pra cima, para que a fila passe por baixo.

As crianças vão cantando: “Bombakinho, bombakinho deixa nós passar, carregados de filhinhas pra Jesus criar, três, três passará, o derradeiro é de ficar, se não for o da frente o de trás será”. Ao final da música as duas crianças líderes abaixam as mãos e prendem o colega que estava passando, levam ele para longe dos outros e perguntam qual a fruta que ele escolhe, depois dele escolher, e dito de qual líder é a fruta, e a criança vai para traz desse líder. E assim continua a brincadeira até a derradeira criança escolher a fruta. Após esse momento da brincadeira, se inicia a segunda parte, é, então, traçada uma linha no chão, cada equipe formada fica de um lado, formados em fila, os líderes ficam na frente, dão as mãos e brincam de cabo de guerra, que consiste em puxar a outra equipe para que ultrapassem a linha. A equipe que conseguir é a campeã.

Referencias

FORTES, S. A importância da brincadeira na educação infantil. **Caderno discente do instituto superior de educação**, v. 2, n. 2, 2008.

AGUIAR, Ana Cristina Silva de. **A influência da tecnologia nas brincadeiras infantis**. 2016.

SOUZA, Gabriela Duarte; SOUZA, Marilda Lima de; NEGREIROS, Rivani Lopes. A importância das brincadeiras tradicionais na educação infantil. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro – Unipac**, v. 2178, p. 6925.

TEMA 3: COMIDAS TÍPICAS

Culinária codoense, o sabor do Maranhão

Jeiciane Emanuele de Almada Fortes
Joerlison Roniere Farias Souza
Maria Eduarda Mesquita Rodrigues

Nome da entrevistada: Maria José de Almada Fortes

Ano do nascimento: 1968

Gênero: Feminino

Ocupação: Autônoma

Biografia: Maria José de Almada Fortes conhecida também como Zezé, nasceu na cidade de Codó, Maranhão, no dia 20 de novembro de 1968 e tem 54 anos de idade. Maria trabalha, hoje em dia, com vendas de lanche em sua própria residência, há aproximadamente 7 anos. Em sua entrevista, falando um pouco do preparo e ingredientes das comidas típicas de Codó, em que ela faz para o consumo próprio. Maria relata que aprendeu a fazer o arroz de cuxá sozinha e a panelada, aprendeu observando outras pessoas fazerem e também pesquisando.

Figura 1- Imagem de Maria José de Almada Fortes



Fonte: arquivo das/o autoras/autor deste capítulo.

Nome da entrevistada: Maria José de Oliveira Mota

Ano do nascimento: 1955

Gênero: Feminino

Ocupação: Autônoma

Biografia: Maria José de Oliveira Mota, também conhecida por Dona Cruz, nasceu no dia 3 de maio de 1955, no interior de Codó, em um povoado chamado Morro Grande. Em 1990 (há 32 anos) começou a fazer cuscuz no pano e há mais ou menos 25 anos começou a fazer o bolo de arroz frito para venda no café da manhã e até os dias atuais segue com sua venda que pode proporcionar mudanças na sua vida.

Figura 2 - Imagem de Dona Maria de Oliveira Mota



Fonte: arquivo das/o autoras/autor deste capítulo.

Nome da entrevistada: Maria Oneide Torres Sena

Ano do nascimento: 06/03/1977

Gênero: Feminino.

Ocupação: Quebradeira de Coco.

Biografia: Maria Oneide Torres Sena tem, atualmente, 45 anos de idade, nasceu no Município de Codó (MA), povoado Lagoinha, no dia 06 de março de 1977. Reside em São Benedito Valdemar Nunes, município de Codó. Durante a entrevista, ela nos contou um pouco da sua história de vida, como ela produz o azeite de coco de babaçu, com quem aprendeu a fazer todo o processo de extração do azeite, e também, algumas receitas, tais como o peixe ao leite de coco de babaçu e um peixe frito com o azeite do babaçu. Além disso, Dona Maria relata que aprendeu a quebrar e a extrair o azeite do coco, desde criança, com sua mãe Maria do Socorro Oliveira Torres, que atualmente está com 81 anos de idade.

Figura 3 - Imagem de Maria Oneide Torres Sena



Fonte: arquivo das/o autoras/autor deste capítulo.

Contextualização inicial

Figura 4 - Imagem de algumas comidas típicas do Maranhão



Fonte: *O Imparcial* (2019), Luciana Gomes.

O Maranhão é riquíssimo, desde suas belezas naturais até a sua culinária. A gastronomia maranhense sofreu influências gastronômicas de outras culturas, tais como: A francesa, portuguesa, holandesa, indígena e africana. E dentro de sua culinária, nós temos: Arroz de cuxá, mandioca juntamente

com a farinha d'água, tapioca, panelada, sururu ao leite de coco, peixe frito no azeite babaçu, peixe ao leite de coco babaçu, dentre vários outros pratos.

Da tradição africana, a herança está principalmente na forma de preparo dos pratos, pois foram as negras escravizadas, as responsáveis pela criação das iguarias que serviam à mesa das famílias portuguesas. A África também trouxe consigo uma rica variedade de temperos que foram contrabandeados para nossas terras, dando um sabor especial aos pratos maranhenses até hoje.

A melhor forma de representar a contribuição indígena para a culinária maranhense é usar e preparar o cuxá, que é feito com vinagreira, um vegetal levemente azedo, mas muito utilizado na alimentação indígena. Outra contribuição dos indígenas foi o uso da mandioca para fazer farinha e bolos de mandioca. Foram os portugueses que trouxeram para o Maranhão o hábito de comer arroz, que junto com a vinagreira, se formou o tradicional arroz de cuxá. Além disso, os colonizadores trouxeram para enriquecer ainda mais os pratos maranhenses, os mariscos, ovos e azeites.

Logo, a culinária sendo uma forma de arte e história, fala muito sobre um local, suas histórias, tradições e cultura ali presente desde sua fundação até os dias mais atuais, pois utiliza-se de vários recursos que lhe são disponíveis e toda a evolução de uma sociedade que ali pertence. Na Cidade de Codó, são vários os tipos de alimentos e culinária, desde as comidas como arroz de cuxá, panelada, cuscuz no pano, carne de sol, bolo de arroz frito, caldos e até os variados tipos de temperos típicos da cidade como as pimentas, garrafadas, azeite de coco e dentre outros.

Desse modo, Codó possui diversos lugares na cidade que trazem o gosto da comida nordestina e maranhense, pois a culinária codoense traz consigo a história e o sabor do maranhão contendo características próprias do estado. Logo, nesta sessão iremos mostrar e contar um pouco através de entrevistas realizadas sobre as comidas famosas e sua importância, não só em Codó, mas também no Maranhão.

Arroz de cuxá

Figura 5 - Foto do arroz de cuxá da senhora Maria José de Almada Fortes



Fonte: arquivo das/o autoras/autor deste capítulo.

O arroz de cuxá é uma comida típica do estado do Maranhão, sendo muito consumido em todo o território maranhense. O cuxá é feito com a folha da vinagreira, onde é rico em vitaminas e também acessível para a população maranhense, além disso, o arroz de cuxá pode ser servido com diversos acompanhamentos o que o torna ainda mais saboroso.

Nesse sentido, a senhora Maria José descreve um pouco em sua entrevista dos seus conhecimentos sobre o arroz de cuxá. Maria fala que aprendeu a fazer o arroz sozinha e que a importância dele para a culinária codoense é que ele possui vitaminas e minerais, principalmente o ferro, e ela destaca em sua fala que “[...] é um alimento acessível a todas as pessoas carente né, que qualquer pessoa pode ter um cuxá plantado em seu quintal ou quem não pode comprar pode plantar e fazer esse tipo de arroz”. Logo, ela relata, também, os ingredientes e o modo de preparo do arroz de cuxá, que estará descrito abaixo:

Ingredientes:

- Cuxá;
- Arroz;
- Temperos: Alho e Cebola;
- Óleo;
- Água;
- Sal.

Modo de preparo:

A senhora Maria descreve o passo a passo do preparo do arroz de cuxá, da seguinte forma:

[...] você pega o cuxá, você lava ele pica picadinho aí você coloca cebola e o alho para refogar no óleo, depois você joga o cuxá, a parte você deixa uma água fervendo e o arroz já lavado e escorrido, aí você junta com esse tempero e coloca na panela e vai mexendo até ele incorporar o cuxá com o arroz, aí depois adiciona a água fervente e sal.

Panelada

Figura 6 - Imagem da panelada



Fonte: Receita toda hora (2022), Caroline Donatelli.

A panelada é um dos alimentos típicos do Maranhão e também consumido na cidade Codó, é uma comida saborosa e muito utilizada, tanto como prato principal, quanto tira gosto. Dito isso, a senhora Maria José, ainda, em sua entrevista relata um pouco dos saberes de uma boa panelada feita pela mesma. Maria aborda que a importância desse prato para a culinária codoense: “É porque é um tipo de alimento assim que é mais barato né para a população mais carente, não só carente, mas tem muitas pessoas também que de poder aquisitivo maior que gosta bastante da panelada.”

Além disso, em seu relato a senhora Maria fala que aprendeu a cozinhar a panelada, observando outras pessoas cozinhando e, também, pesquisando. Logo, a entrevistada fala um pouco dos ingredientes e o modo de preparo da panelada, que faz para o seu consumo próprio, que será listado abaixo:

Ingredientes:

- Tripas;
- Pés do boi;
- Bucho;
- Temperos: Pimenta do reino, alho, cebola, tomate, pimentão;
- Corante;
- Óleo;
- Água;
- Sal;
- Folha de louro.

Modo de preparo:

Maria descreve: “comparamos ele no mercado e já entregam tudo tratado para nós”, mas ela alerta que quando chega em casa tem que fazer uma limpeza mais apurada. Assim, ela descreve com mais detalhes o passo a passo do preparo da panelada, que é:

limpar e tirar toda a gordura das tripas, e vira ela do avesso e tira a gordura que fica, em seguida deixa bem picadinha, e o bucho é a mesma coisa, tem que raspar ele para tirar a gordura que fica nele e também

corta ele bem cortadinho, e lava ele bem lavado com sal e limão e depois escalda. Em seguida, você coloca os temperos que são pimenta do reino, alho, cebola, tomate, pimentão e depois coloca na panela de pressão com pouco de óleo e deixa ele refogar, após esse processo acrescenta bastante água até cobrir completamente os ingredientes, e por fim, coloque a tampa da panela de pressão e deixe no fogo até o cozimento, quando tudo ficar macio.

Dona Maria José, ainda relata, que a duração para a panelada ficar pronta demora um pouco, no entanto, quando está pronta fica uma delícia.

Cuscuz no pano de prato

Figura 7 - Foto do Cuscuz no pano feito pela senhora Maria de Oliveira Mota



Fonte: arquivo das/o autoras/autor deste capítulo.

Figura 8 - Foto do cuscuz no pano feito pela senhora Maria de Oliveira Mota



Fonte: arquivo das/o autoras/autor deste capítulo.

O cuscuz é um prato típico da região nordeste, onde o estado do Maranhão faz parte, antigamente, era feito no vapor, enrolado no pano de prato, é um alimento que pode ser utilizado em todas as horas, desde o café da manhã ou da tarde, até como refeição no almoço e jantar, com sua baixa taxa de glúten e grande importância na vida dos moradores de Codó, pode ser feito em cuscuzeira ou, como Dona Maria faz, em pano de prato.

Maria, durante a entrevista, falou que o cuscuz no pano tem sua importância no município de Codó, pois as pessoas gostam bastante. Além de falar de forma mais pessoal sobre a importância do cuscuz na sua vida, que lhe ajudou a comprar suas coisas quando chegou na cidade de Codó. Relata que o marido ia para a roça e ela ficava em casa e, assim começou a fazer a receita que aprendeu a fazer com a mãe, como herança de família.

Ingredientes:

- Água;
- Sal;
- Massa de Flocão.

Modo de Preparo:

Ao ser perguntada sobre o modo de preparo para o seu cuscuz de pano, a entrevistada relatou que molha a massa durante a noite com água e sal e deixa descansar na geladeira, pela manhã do outro dia põe mais um pouco de água na massa e mexe, acrescenta polvilho, mistura, molda a massa no prato, coloca um pano úmido por cima e emborca o prato em uma panela com água. Para saber quando o cuscuz está pronto, Dona Maria fala que coloca uma tampinha de fogão por cima do prato, pois quando a tampinha bate no prato é como um aviso de que o cuscuz está no ponto.

Bolo de arroz frito

Figura 9 - Imagem do bolo de arroz frito, feito pela senhora Maria de Oliveira Mota



Fonte: arquivo das/o autoras/autor deste capítulo.

O bolo de arroz frito é uma receita comum no estado do Maranhão, feita com massa de arroz. É um ótimo acompanhamento do café puro pela manhã. Ao ser perguntada sobre a importância do bolo de arroz para a cidade de Codó, Maria fala que é muito procurado pelas pessoas que chegam na cidade, já foi bolo para vários lugares do Brasil sobre encomenda das pessoas de outras cidades dentro do estado do Maranhão como Caxias e interiores

próximos ao município de Codó, também há pessoas das cidades de outros estados como Caldas Novas (GO), Brasília (DF), Palmas (TO), Teresina (PI) que visitam a cidade de Codó e levam os seus bolos de arroz frito. Além da importância que tem para sua vida onde lhe deu muitas oportunidades.

Ingredientes:

- Flocão de arroz;
- Ovo;
- Açúcar;
- Farinha de Trigo com fermento.

Modo de Preparo:

No modo de preparo para o bolo de arroz frito de Dona Maria, ela relata o seu passo a passo:

Primeiro eu pisava a massa no pilão, eu comprava o arroz e pisava no pilão, mas hoje como não guento mais, eu compro flocão de arroz e faço a mesma coisa, boto de molho na boca da noite, eu molho mesmo, aí de manhã eu coloco o ovo, o açúcar e o trigo com fermento, aí eu misturo no manual e vou fritando.

Figura 10 - Imagem da palmeira do babaçu



Fonte: IPHAN

O babaçu é considerado uma das palmeiras mais importantes do território brasileiro e pode ser encontrado em vários estados brasileiros como: Pará, Tocantins, Piauí e também no Maranhão. A palmeira do coco pode alcançar até 20 metros de altura, possui folhas compridas e recurvadas que podem chegar até 8 metros de comprimento, seu caule vai de 10 a 20 centímetros de diâmetro. A palmeira do babaçu demora cerca de dez anos para produzir os seus primeiros frutos, soltando até seis cachos por safra.

Quando relacionado a termos socioeconômicos, o babaçu se apresenta como um importante recurso e a principal fonte de renda para várias famílias maranhenses. A entrevista, senhora Maria de Oliveira Mota relata que:

[...] eu acho o coco importante porque a gente que mora no interior, não tem muito dinheiro, e com ele nós consegue fazer algumas vendinhas, e eu me sinto mal quando tem um azeite em casa, e muita pessoa quer ter um azeite em casa, muitos anos da minha vida eu já dependi muito do coco, lá em casa mesmo com o Bolsa Família, minha convivência com o coco e todo santo dia, porque e dele que eu tiro meu azeite, faço meu cauvaio, então ele me serve de mais, pra mim é muito importante.

Figura 11 - Imagem do coco babaçu



Fonte: IPHAN

É importante, registrar que da palmeira babaçu, se aproveita tudo, sendo utilizada para fabricação de alimentos para animais, produção de carvão vegetal, sabão de coco, farinha e principalmente, o azeite. Dona Maria, durante a entrevista relatou sobre o processo de quebrar o coco e transformá-lo em azeite:

[...] você se senta no chão, põe o machado no chão preso nas pernas, põe o coco no machado e bate com um pedaço de pau até abrir e tirar a amêndoa, depois pega as amêndoas pra pisar e torrar, quem tem moinho passa no moinho, quem tem forrageira passa na forrageira, eu não tenho, vou pisando mesmo, tem que botar pra cuzinhar, depois disso tudo a gente tem o azeite, é um maior trabalho pra tirar o azeite [...].

Figura 12 - Imagem da amêndoa do coco babaçu



Fonte: IPHAN

Figura 13 - Imagem do azeite de coco babaçu



Fonte: IPHAN

Nesse sentido, Dona Maria nos ensina algumas receitas feitas com o coco babaçu, como o preparo do peixe frito no azeite do babaçu, assim como, um delicioso peixe ao leite de coco babaçu.

Receita do peixe frito no azeite do coco babaçu

Figura 14 - Imagem do peixe frito



Fonte: arquivo Freepik

Ingredientes:

- 1 kg de peixe tambaqui cortado;
- ½ litro de azeite babaçu;
- ½ farinha seca.

Modo de preparo de acordo com Dona Maria:

Ela nos diz que, após a limpeza do peixe, a pessoa deverá cortá-lo por partes. Após isso, untar o peixe com a farinha seca, para que ao ser colocado para fritar, não estoure, depois do 3º passo, deve-se colocar o azeite em uma frigideira para dar uma leve esquentada e assim poder fritar o peixe. Dessa forma, depois de frito, coloca-se em um prato forrado com papel toalha, para reduzir parte do óleo.

Receita do peixe ao leite de coco babaçu:

Figura 15 - Imagem do peixe ao leite do coco babaçu



Fonte: Youtube. Receitas da Pâmela

Ingredientes:

- 2 kg de peixe tambaqui;
- 1 tomate (picado);
- 1 cebola (picada);
- 1 maço de cheiro verde (picado);
- 3 pimentas de cheiro (picadas);
- Meio pimentão (picado);
- ½ colher de corante (sopa);
- ½ colher de tempero (sopa);
- Sal (a gosto);
- 2 copos de 200 ml de leite de coco babaçu;
- Limão (a gosto).

Modo de Preparo de acordo com Dona Maria:

Dona Maria nos fala que devemos refogar com o azeite do babaçu os primeiros ingredientes, que são: tomate, cebola, pimentão e, por último, a pimenta de cheiro. Após isso, acrescentar aos poucos o peixe cortado, seguido de água até cobrir um pouco o peixe. Em seguida,

acrescentar os outros ingredientes, que são: corante, tempero, sal e limão, deixando ferver por aproximadamente 3 minutos.

Após esse primeiro processo, pegar as amêndoas do babaçu, e passar no liquidificador com um pouco de água e colocar o líquido aos poucos na panela onde está o peixe, e ficar mexendo para o leite do coco não talhar. Logo depois, deixe-o ferver de 2 a 4 minutos, vendo sempre para não grudar na panela ou amolecer de mais o peixe e por último, colocar o cheiro verde.

Referências

COMO FAZER PEIXE NO LEITE DE COCO BABAÇU. Receitas da Pâmela. **Youtube**. 14 de mar. 2020. 4min40s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e2LA8RNfhSo>>. Acesso em: 08 de jan. 2022.

DONATELLI, Caroline. **Panelada: fácil de preparar, deliciosa e suculenta**. Receita toda hora, 18 mar. 2022. Disponível em: <<https://receitatodahora.com.br/panelada/>>. Acesso em: 6 dez. 2022.

Freepick. Disponível em: <<https://br.freepik.com/fotos/peixe-frito>>. Acesso em: 5 dezembro 2022.

GOMES, Luciana. Conheça 5 restaurantes em São Luís que destacam a culinária maranhense. **O Imparcial**. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/gastronomia/2019/08/conheca-5-restaurantes-em-sao-luis-que-destacam-a-culinaria-maranhense/>>. Acesso em: 5 dezembro de 2022.

IPHAN. **Universo Cultura da Palmeira Babaçu**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/universo_cultural_da_palmeira_babacu.pdf>. Acesso em: 5 dezembro 2022.

MARQUES, Renata. **Comida típica do Maranhão: pratos, delícias e restaurantes para curtir a culinária maranhense**. Inda vou lá. Disponível em: <<https://www.indavoula.com.br/comida-tipica-do-maranhao/#:~:text=A%20culin%C3%A1ria%20maranhense%20tem%20suas,nos%20pratos%20t%C3%ADpicos%20do%20Maranh%C3%A3o.>>>. Acesso em: 5 dezembro 2022.

TEMA 4: FESTIVIDADES E RELIGIÕES CODOENSES

Festividades e Religiões Codoenses

Daniela de Abreu Vieira
Joane Karla Fontes dos Santos
Lívia Cecília Mesquita da Silva

Nome do entrevistado: Evaldo da Costa Pereira Júnior

Ano do nascimento: 05/02/1992.

Gênero: masculino

Ocupação: Estudante da Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

Biografia: Evaldo da Costa Pereira Júnior nasceu no dia 05 de fevereiro de 1992, em Teresina (PI), mas, aos 5 anos de idade passou a morar no Maranhão com sua família, residiu num interior, localidade de Fazenda Nova, que fica entre as cidades de Caxias e Codó. Atualmente, reside na Cidade de Codó.

Contextualização

Nesta seção, apresentamos a história da Junina Asa Branca do Sertão, que se apresenta especialmente durante as festas juninas e tem como uma das principais finalidades fortalecer e zelar pela cultura junina, pelo folclore, pelas artes cênicas e tradicionais da nossa cidade de Codó. O presente texto visa descrever como a Junina Asa Branca do Sertão surgiu, por quem foi fundada, como funciona a organização, figurino dentre outras questões que possa ampliar o conhecimento

da população, sobre a cultura da nossa cidade, frisando sempre a diversidade existente. Apresentamos, então, as contribuições de uma pessoa de grande importância para a quadrilha e seus quadrilheiros, Evaldo Júnior, o presidente da Asa Branca, que nos passará informações acerca da história do grupo, este de tamanha relevância para o âmbito cultural da nossa cidade.

Junina Asa Branca do Sertão

A festa junina é uma tradicional festividade popular que ocorre sempre durante o mês de junho. Essa comemoração é comum em todas as regiões do Brasil, especialmente no Nordeste e surgiu no período pré-gregoriano na Europa, como uma festa pagã que comemorava a fertilidade da terra e as boas colheitas, porém as comemorações passaram a ser conhecidas como Joaninas, em homenagem a João Batista, descrito na Bíblia como aquele que batizava as pessoas para a vinda de Jesus. Este santo faz parte das festas religiosas da igreja católica. A festa junina presta homenagem a três santos, a saber: no dia 13 de junho, Santo Antônio; no dia 24 de junho, São João e no dia 29 de junho, São Pedro.

Quando foi inserida no Brasil pelos colonizadores a festa era conhecida como festa joanina, em referência a São João, mas, ao longo dos anos, teve o nome alterado para festa junina, em referência ao mês no qual ocorre, junho, e foram muito bem aceitas pelos negros e índios que aqui viviam, por serem muito parecidas com as de suas culturas. Aos poucos, as festas juninas foram se espalhando pelo Brasil, entretanto foi aqui no Nordeste que ela ganhou força na nossa cultura. Nesse período, são realizados vários concursos de grupos que dançam quadrilha, dentre esses grupos está a Asa Branca do Sertão.

A Junina Asa Branca do Sertão é uma associação civil de direito privado sem fins lucrativos, que foi fundada em 20 de janeiro de 2010, no bairro de São Sebastião-Codó/MA, por pessoas que possuem uma vasta experiência no ramo cultural junino. A Junina Asa Branca do Sertão celebra uma história de mais de uma

década, tornando-se uma das maiores juninas da cidade, e conseqüentemente, um patrimônio cultural do município de Codó. Além disso, tornou-se destaque em âmbito estadual após levar para o tablado junino, temas de relevância social. O grupo tem como público-alvo, adolescentes, jovens e adultos da cidade.

Figura 1- Símbolo da Junina Asa Branca do Sertão



Fonte: arquivo, gentilmente, cedido pelo Evaldo Junior.

Histórico e Organização

A cada ano, um tema é escolhido para que possa ser desenvolvido pela Junina, o primeiro tema abordado na Junina foi a copa do mundo, realizada em 2010, na África do Sul. Nos anos subsequentes os temas foram Dança Portuguesa (2011) e Chuva no Sertão (2012). No ano de 2013, a junina conquistou um grande

espaço no cenário junino após participar do Estadual de Quadrilhas da FEQUAJUMA (Federação de Quadrilhas Juninas do Maranhão) e acabou conquistando o 5º lugar na competição.

Figura 2 - “Copa do Mundo 2010”.



Fonte: arquivos da Junina Asa Branca do Sertão

Campeã no Arraial do Luciano, 2010 – Codó -MA
Campeã no Arraial da Regineide, 2010 – Codó - MA
2º Lugar no Arraial da Nossa Gente, 2010 – Codó -MA
4º Lugar no Arraial em Caxias -MA, 2010

Figura 3 - 2011: “Dança portuguesa”



Fonte: arquivos da Junina Asa Branca do Sertão

Campeã no Arraial da Nossa Gente, 2011 – Codó -MA
Campeã no Arraial Arranca Rabo, 2011– Codó -MA
Bicampeã no Arraial do Luciano, 2011 – Codó -MA

Figura 4 - 2013: “Das raízes do São João surge a tradição: zabumba, triângulo e sanfona, viva essa união”



Fonte: arquivos da Junina Asa Branca do Sertão

Tricampeã no Arraial da Nossa Gente, 2013 – Codó -MA
Campeã no Arraial do Instituto de Beleza Katia, 2013 – Codó -MA
Campeã no Arraial Regional de Timbiras - MA
5º Lugar no Maranhão Junino – Etapa Estadual (FEQUAJUMA),
2013 – Pedreiras -MA

Os ensaios começam pelo mês de janeiro, mas geralmente existe um encontro com o grupo antes de iniciar a próxima temporada da junina, o motivo desse encontro é para ser organizado algumas questões pendentes e para que possa ser feita a escolha do novo tema do ano seguinte. Logo após a escolha do tema, são feitas várias pesquisas para que o tema seja bem desenvolvido. Geralmente, cerca de 130 quadrilheiros participam por ano.

O presidente do grupo fala sobre uma das partes principais, o figurino:

Evaldo Júnior: O figurino é desenhado de acordo com o tema escolhido, em seguida é apresentado para a diretoria e só depois da aprovação é que passa para a próxima fase que é a confecção, as roupas dos homens e boa parte do figurino das mulheres é confeccionado em uma costureira na cidade de Codó, após feito, a própria direção artística do grupo faz o bordado e como no Maranhão ainda não tem alta costura no quesito de figurino de juninas estilizadas, as saias e os destaques é confeccionado na Paraíba, bem como também os sapatos.

O último tema apresentado pela Junina foi “Nem tudo São Flores”, que foi abordado no ano de 2022, no qual teve vários meses de estudo, pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, considerado pelo presidente do grupo como um dos momentos mais trabalhoso, mas que trouxe consistência em seus resultados, o tema destaca sobre a luta da violência contra a mulher, o tom do figurino reverencia as dores das mesmas, cada cor com seu significado.

Figura 5 - “Nem Tudo São Flores”



Fonte: arquivos da Junina Asa Branca do Sertão

Hexacampeã de Codó – MA

Bicampeã Intermunicipal Codó – MA

Tricampeã em Santa Rosa - Capinzal do Norte – MA

3º Lugar em Matões – MA

A Junina se apresenta em quase todas as cidades do Maranhão, assim como no estado do Piauí e na cidade de Floriano, na intercalação dessas cidades, o grupo participa de competições em arraiais privados e públicos também, geralmente as colocações vão do 1º ao 5º lugar e as premiações se dão através de dinheiro, troféus e certificados. O grupo possui vários títulos, sendo assim consagrada a melhor Junina da cidade de Codó, levando para casa grandes títulos tornando-se assim hexacampeão, bicampeão e tetracampeão em competições tanto dentro, quanto fora da cidade.

A organização para que tudo saia como planejado é feita por uma diretoria e também por uma equipe de apoio que faz com que o grupo não acabe, tem o Presidente - Evaldo; o Vice-presidente - Romenig Mendes; o Tesoureiro-Wanderson Melo; Vice-tesoureiro - Gabriel Silva; Secretário-Junior Alves; Vice-secretária-Joice Damasceno; 1º

Conselho-Leandro Paiva, 2º Conselho-Douglas Frazão, 3º Conselho-Conceição de Maria; Direção de Art. Política-Francisco Silva e Weliton Raú; Direção artística-Magno Araújo; Coreógrafos-Welisson Silva e Romenig Mendes; Direção-cenográfica José Nilton e Kainan Lima; Direção de Produção-Weliton Raú. Toda essa equipe trabalha de forma coletiva para que a Junina permaneça abrillantando a cada ano as festas juninas da nossa cidade.

Vale destacar que a Junina Asa Branca do Sertão é mais que uma junina, é um grupo que zela pela responsabilidade social, afetiva e emocional dos nossos componentes, conservando sempre a boa relação com os familiares, apoiadores e patrocinadores.

Candomblé e suas festividades

Nesse tópico, trataremos sobre o Candomblé, que é uma religião de Matriz Africana que cultua os orixás. No texto destacamos questões relativas às festividades, descrevendo como se organizam os encontros, a realização de festejos e também, trataremos sobre a diferença entre essa religião e o Terecô, a religião de Matriz Africana mais cultuada em Codó. Essas informações servirão de conhecimento para quem deseja conhecer mais sobre a religião e sua cultura.

Candomblé

Candomblé é uma religião afro-brasileira na qual se pratica o culto de divindades de origem africana chamadas Orixás. O Candomblé foi formado a partir de tradições religiosas africanas de povos iorubás.

Os Iorubás são um dos maiores grupos étnicos da África Ocidental, com uma população de mais de 30 milhões de pessoas. Vivem, sobretudo, em uma grande área do continente africano, que engloba os atuais países da Nigéria, Benin, Togo, Gana e Serra Leoa. (FAUSTO, 2012).

Essas tradições foram trazidas ao Brasil por populações negras escravizadas vindas de territórios da África Ocidental. Os rituais. Os **rituais do candomblé** são realizados em locais de culto denominados terreiros, liderados por um pai ou mãe de santo. Durante as cerimônias, chamadas de toques, os participantes cantam e dançam e os filhos-de-santo incorporam os orixás. As festividades do Candomblé, por sua vez, são praticadas dentro do terreiro, onde reúnem tanto os filhos de santo, quanto os convidados para festejar. As datas da festa consistem no mês do Orixá da Casa, em Codó (MA), no Ilê Axé de Oxóssi e Oxum é festejado no mês de janeiro, pois é o mês que é reverenciado a ele.

A realização dos festejos acontece três vezes ao ano, com festa de Oxóssi e, demais orixás em janeiro, a festa dos encantados em setembro e a festa das Yabás em dezembro. Na organização da festa para os Orixás existe toda uma movimentação, onde acontecem reuniões para ver como serão organizadas questões quanto ao figurino, comida do santo e etc.

Figura 6- Ritual da “Festa Grande” realizado, anualmente no Terreiro Ylê Axé de Oxóssi e Oxum



Fonte: arquivos Ilê Axé de Oxóssi e Oxum

O primeiro terreiro de Candomblé fundado em Codó foi a Casa de Oxalá, fundada pelos dois Babalorixás Eduardo de Oxalá e Júlio de Ogum, em 14 de fevereiro de 1989, que também foram os primeiros Candomblecista da cidade. Atualmente, a Ialorixá Mãe Nilza de Odé tem atuado na preservação e difusão da religião de matriz africana, ela tem vastos conhecimentos acerca do Terecô da mata, religião praticada em Codó.

Figura 7 - Terreiro Ylê Axé de Oxóssi e Oxum



Fonte: arquivos Ilê Axé de Oxóssi e Oxum

Evaldo Júnior, candomblecista, explica:

São religiões distintas uma da outra pois o Candomblé cultua os Orixás e o Terecô os caboclos, mas ambas caminham juntas no mesmo processo, a evolução espiritual dos seus adeptos, mostrando a que caminho seguir.

Figura 8 - Ritual Festa no Terreiro Ylê Axé de Oxóssi e Oxum



Fonte: arquivos Ilê Axé de Oxóssi e Oxum

Com distinção na comunidade religiosa, Mãe Nilza realiza a formação dos iniciantes (aprendizes) na religião, articula redes de terreiros no município de Codó e adjacências, atua na defesa da garantia dos direitos reservados às comunidades de terreiros como a liberdade de culto, políticas públicas, combate à intolerância religiosa e capacitação de crianças, adolescentes e jovens para a preservação da cultura e história afro-brasileira.

Figura 9 - Ialorixá – Mãe Nilza de Odé, terreiro Ylê Axé de Oxóssi e Oxum



Fonte: arquivos Ilê Axé de Oxóssi e Oxum.

É importante mencionar que há o sincretismo de Oxóssi com São Sebastião. A festa acontece em Janeiro devido a esse cruzamento. Outro exemplo: A Festas das Yabás em dezembro cruza com o Dia de Santa Bárbara que é um dia muito importante no calendário festivo, não só do Candomblé como das casas de Terecô. O dia comumente conhecido como de Santa Bárbara, portanto, une tudo, que é dia 4 de dezembro. Assim, é possível afirmar que religião de matriz africana em Codó tem várias linhas de sincretismo com o catolicismo popular. Tanto que a escolha das datas dessas festas tem a ver com isso

Boi Raízes do Maranhão

O Boi Raízes do Maranhão foi fundado em 15 de outubro de 2005, pela professora historiadora Sônia Maria Farias, não por pagamento de promessa, mas como produto de um trabalho acadêmico e por amor à brincadeira, visto que Dona Sônia como é por muitos conhecida, viveu parte da sua infância na capital, São

Luís, e aos 16 anos casou-se com seu então esposo, Martinho Cantanhede que era da cidade de Axixá, região onde nasceu o boi de orquestra.

A pesquisa de Sônia Maria tinha como objetivo estudar as manifestações folclóricas de Codó, as permanências e rupturas. Durante alguns meses, ela andou pelos bairros da cidade conversando e entrevistando diversas pessoas, principalmente as mais idosas que haviam participado de grupos culturais de Codó, tendo contato com essas memórias. Dona Sônia descobriu que havia uma recorrência de grupos de bumba meu boi destinados a obrigação de terreiros de Terecô da cidade, diante disso Dona Sônia teve o grande sonho de criar na cidade de Codó, um grupo de bumba meu boi, reconhecido e que pudesse envolver a juventude, de forma que atraísse os jovens para essa manifestação, visto a mesma estava quase em extinção, pois na época, a brincadeira era realizada apenas pelos mais velhos da cidade.

O Boi Raízes do Maranhão foi muito aplaudido em sua primeira apresentação no Clube da SOCAM no ano de 2006. O grupo foi se aprimorando a cada ano e com muita luta e sacrifício passou a ser conhecido dentro da cidade. O boi foi se desenvolvendo pouco a pouco e conquistando respeito e notoriedade, passando a ser considerado o xodó dos codoenses, sempre dependendo da colaboração do município e dos respectivos gestores. Dona Sônia atualmente passou a presidência do grupo ao seu sobrinho, Maurício Souza, visto que ela já não tem mais as condições de saúde para continuar à frente do batalhão dos cocais, contudo, ela sempre é consultada para decisões difíceis de serem tomadas, está sempre presente com seus conselhos. Vale ressaltar que a matriarca do boi é também compositora da maior das toadas que o batalhão leva aos arraiais, dentre elas a toada "minha cidade querida", a mais conhecida. Temos, ainda, como compositores do boi Amaral Júnior, Sidrac Martins, Odair José Reis e Romário Oliveira.

Figura 10 - Apresentação no arraial de Codó



Fonte: arquivos Boi Raízes do Maranhão

Figura 11 - Boi Raízes do Maranhão.



Fonte: arquivos Boi Raízes do Maranhão

O Boi Raízes do Maranhão segue, tradicionalmente o ciclo da manifestação com ensaios, batismo, apresentação e morte envolvendo toda a comunidade da cidade de Codó. Vale destacar o importante papel dos padrinhos que já acompanham o boi há bastante tempo, o então deputado Zito Rolim e sua esposa Eliene Rolim os quais contribuíram financeiramente para o crescimento do boi.

Neste ano de 2022, o brinquedo de Sônia trouxe como tema 17 anos de história e homenageou Nossa Senhora das Graças, por meio da oração cantada em forma de toada "Maria passa na frente".

Figura 12 - Vaqueiro e o Boi do Raízes do Maranhão



Fonte: arquivos Boi Raízes do Maranhão

Figura 13 - Catirina e o Boi



Fonte: Informações disponibilizadas pela criadora do boi,
Dona Sônia Maria

Referências

SILVA, Daniel Neves. Origem da festa junina. Brasil Escola. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/detalhes-festa-junina/origem-festa-junina.htm> Acesso em 26 de abril 2022

TEMA 5: MITOS, LENDAS E CAUSOS

Histórias que o povo conta

Caroline Feitoza Mohana
João Daniel Gomes Nascimento
Jordan das Chagas Felipe Alves
Maria Jacielma Quinto Rocha

O QUE SÃO MITOS, LENDAS E CAUSOS?

Este capítulo do livro está direcionado à contação de histórias como lendas, causos e mitos. Lendas são narrativas que são transmitidas oralmente. Elas rondam fatos históricos, e outros acontecimentos legados ao imaginário dos povos. Com o passar dos anos, ao serem recontadas, misturam acontecimentos reais, imaginação, fantasia e vão se estabelecendo com características próprias de cada local. Os causos se apresentam quase que da mesma forma, visto que podem ser contados a partir de experiências vividas pelas pessoas, contadas através dos mais diversos olhares e podem ser tanto histórias com partes fiéis aos que acontecimentos, quanto partes inventadas. Os mitos por sua vez, são narrativas inventadas com caráter simbólico, ou seja, os mitos não são uma realidade, porém eles evoluem de acordo com cada sociedade e culturas, com intuito de que com suas histórias e personagens explicarem a existência das coisas.

Figura 1 - Imagem de Dona Maria da Penha



Fonte: arquivos dos/as autores/as deste capítulo.

Nome da entrevistada: Maria da Penha Mendes Quinto

Gênero: Feminino

Ocupação: Lavradora, aposentada

Biografia: Dona Penha, como é bastante conhecida, nasceu no município de São Bernardo, no dia 25/04/1960. Casada com Luis Gonzaga Quinto, teve 6 filhos, um filho de adoção e tem 13 netos. Chegou em Codó no ano de 1985, com 25 anos de idade e permanece até hoje. Gosta de ir à igreja, passear na zona rural e, também, de trabalhar em seus canteiros (pequena horta de cebola de palha e coentro).

Lenda: O rasga mortalha

De acordo com a lenda, rasga mortalha é uma espécie de coruja que quando passava com seu canto, na casa de alguma pessoa significava que estava agourando (pressentir) morte na família.

Assim que a ave passava, as pessoas faziam o sinal da cruz para livrar suas casas. O atrito das asas da coruja, em voo, produz um som como se fosse um pano sendo rasgado, shap, shap, shap. Na sequência produz um som como se fosse uma tesoura cortando a mortalha, rip, rasg, reec, rip.

Nome da entrevistada: Jeane Assíria Neves de Andrade

Gênero: feminino

Ocupação: Servidora Pública (concurada) Professora Pesquisadora atuante da escola pública da Cidade Codó, Maranhão.

Biografia: Jeane Assíria Neves de Andrade tem 47 anos de idade, é casada e mãe de um filho, reside em Codó.

Lenda: A andarilha

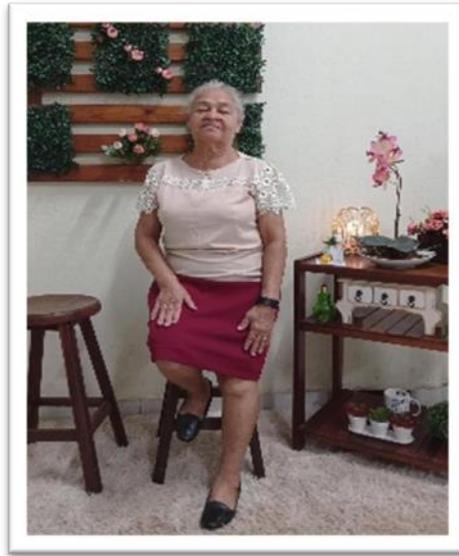
Segundo a lenda, uma mulher vagava durante o dia, trajando roupas muito sujas, mas não tinha cheiro. Tinha um cabelo enorme e usava um coque que parecia um cupim, a mesma dizia que só pentearia seu cabelo quando o Rio Itapecuru secasse. A andarilha carregava com um “cofo” amarrado em sua cintura, no qual guardava suas latas como recipientes para cozinhar, não aceitava a comida que a comunidade lhe oferecia, preferia fazer sua própria comida de forma rústica e primitiva. Ela tinha um lugar fixo, confortável que era próximo ao Riacho São José. Era embaixo de um cajueiro, do qual desfrutava sua sombra, lá tinha uma cama feita por diversos sacos e papelões para sua hora de repouso.

Lenda: A mulher de 7 metros

A lenda de uma mulher de 7 metros narra que em tempos distantes, existia uma mulher enorme, com as pernas muito longas que aparecia e sentava em cima das casas do povoado. Ela ficava balançando suas pernas longas e assustava as pessoas. Quando chegava às 18 horas, que as lâmpadas dos postes estavam acesas, a

mulher de 7 metros acendia um cigarro enorme que assustava ainda mais os moradores.

Figura 2 - Imagem de Dona Francisca Nascimento



Fonte: arquivos dos/as autores/as deste capítulo.

Nome da entrevistada: Francisca Nascimento de Moraes

Ano do nascimento: 04/09/1950

Gênero: Feminino

Ocupação: Lavradora, aposentada

Biografia: Dona Francisca nasceu no município de Timbiras e mudou-se para Codó no ano de 1972, onde permanece até hoje. Tem 3 filhos adotivos. Gosta de conversar na calçada, ir à igreja e assistir televisão.

A lenda: Lobisomem de Codó

Diz a lenda que um homem velho se transformava em um bicho, por ter bulido (mexido) com as 2 filhas dele, abusou delas. As pessoas tinham medo de andar à noite na cidade, porque poderiam

se deparar com o lobisomem. A partir da 18h30, todo mundo tinha medo de andar na rua escura com receio de ser atacado.

Figura 3 – Imagem de Luis Henrique



Fonte: arquivos dos/as autores/as deste capítulo.

Nome do entrevistado: Luis Henrique

Ano do nascimento: 23/04/2005

Gênero: Masculino

Ocupação: Estudante

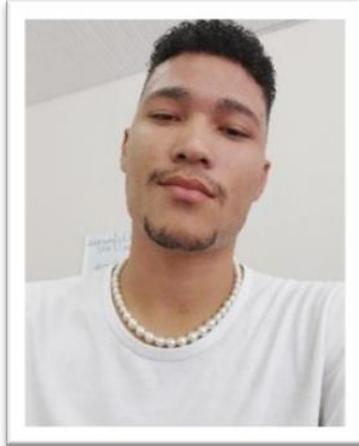
Biografia: Luis Henrique nasceu na cidade de Codó, mora com sua família, tem 17 anos e é estudante. Gosta de jogar futebol e de jogos no celular, assistir filmes e vídeos. No tempo livre faz bicos para conseguir uma renda extra para se divertir.

Lenda: A mulher que virava porca

A lenda conta a história de uma mulher que andava pelas ruas à noite, entre meia noite e três horas da manhã e virava uma porca muito grande. O animal atacava as pessoas que passavam pela rua nesse horário. As pessoas contam que existia uma porca muito grande que andava na cidade e uma mulher que era moradora de rua. Ninguém sabia de onde vinham e nunca viram as duas juntas.

Dizem que a lenda se originou dessas duas figuras que moravam na cidade.

Figura 4 - Imagem de Joao Daniel



Fonte: arquivos dos/as autores/as deste capítulo.

Nome do entrevistado: João Daniel Gomes Nascimento

Ano do nascimento: 08/03/2001

Gênero: masculino

Ocupação: Estudante

Biografia: João Daniel nasceu na cidade de Codó, tem 21 anos e é estudante de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão. Morou em São Paulo por 6 anos e, atualmente, reside na cidade de Codó. Gosta de pintar, desenhar, cantar, escrever poemas e dormir.

Lenda: O caso do Lobisomem do Hospital Geral

Esta lenda narra sobre um ser, que apareceu no Hospital Geral Municipal de Codó, o ser em questão se tratava de um lobisomem e causou grande alvoroço na cidade, pessoas lotaram o pátio do hospital. Até hoje há quem diz que é verdade, mas há quem diga que é só mais uma história que surgiu na internet e não passa de fake news.

Referências

CASTRO, Luana. **O gênero causo em sala de aula**. Publicado pelo canal do educador, 2022. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estratégia-ensino/o-genero-causo-sala-aula.htm>. Acesso em 9 de dez 2022.

MACHADO, Emerson. **Mito e Lenda**. 2017. Disponível em: <https://www.diferenca.com/mito-e-lenda/>. Acesso em: 9 de dez.2022.

TEMA 6: MÚSICA

Cultura musical codoense: nossa arte, nossas raízes

Ana Tercia Morais da Silva
Carmem Célia Brandão
Rosimar da Silva da Costa

É notável a diversidade de modos de expressão e linguagens artísticas criadas pelos seres humanos, tais como a escrita, música, literatura, fotografia, teatro, desenhos, pinturas, artesanatos, gestualidades, sinais e códigos, dentre outros.

Para esta seção, destacamos a música, considerando ser uma das linguagens mais completas e acessíveis a todos seres humanos, indiferente de conhecimentos específicos de línguas e culturas. Desde os primórdios a música desperta diversas sensações na vida do ser humano, desde a mais nova idade, iniciando-se no ventre mãe, fase em que os bebês ouvem os sons. Daí, então, a música vai se propagando no decorrer das etapas de desenvolvimento da vida humana. A música é uma linguagem artística que relaciona letras, ritmos e danças, colaborando assim para a reflexão, o equilíbrio, o raciocínio e o bem estar, práticas estas que também contribuem para o desenvolvimento da memória afetiva do ser humano.

Assim, pois, a arte deve encontrar sua realização, seu cumprimento, na vida; e com razão pode-se chamar mais educado 'Musicalmente' aquele cujos olhos e ouvidos estão capacitados para discernir o que é justo, não somente nas criações da arte, senão também à medida que tais condições podem ser apreendidas pelos sentidos, no mundo real de que a arte é reflexo (AGUIAR, 1995, p. 3).

O município de Codó, com estimativa de 123,116 habitantes, segundo o IBGE, carrega consigo a história de um povo, que expressa suas labutas em forma de canções, por isso foram escolhidos quatro entrevistados para relatar sobre suas composições e um pouco da cultura codoense, gente essa, guerreira, batalhadora, humilde e acolhedora. Povo carregado de sofrimento e por que não "festeiro", como vai dizer o nosso primeiro entrevistado, Augusto Brasil.

Nome do entrevistado/a: Carlos Augusto de Souza

Ano do nascimento: 26 de junho de 1981

Gênero: masculino

Ocupação: Produtor de eventos e presidente da Associação dos Músicos de Codó.

Nome do entrevistado: Uillo Batista Leite

Ano do nascimento: 07/06/1963

Gênero: masculino

Ocupação: Professor de música e compositor

Nome do entrevistado: José Orlando Pinto dos Santos

Ano do nascimento: 06 de outubro de 1955

Gênero: masculino

Ocupação: Autônomo

Nome da entrevistada: Maria Judith Dias Salazar

Ano do nascimento: 29 de março de 1943

Gênero: feminino

Ocupação: Aposentada

Biografia: Carlos Augusto de Souza (Augusto Brasil)

O senhor Carlos Augusto de Souza, popularmente, conhecido como Augusto Brasil, nasceu em 26 de junho de 1981, na cidade de Codó (MA). É produtor de eventos e presidente da Associação dos

Músicos da cidade de Codó. É pai de nove filhos, cinco mulheres e quatro homens, estudou até a 8ª série. Atualmente é residente no bairro São Sebastião, Av. Maranhão. Augusto Brasil iniciou-se na música em 1994, estando há 25 anos nesse ramo. O entrevistado relata um pouco da cultura musical e atual codoense. Segundo ele, o estilo musical predominante na cidade é o forró, afirmando que Codó é uma cidade muito lépida e acolhedora.

Codó é uma das cidades mais festeiras do interior do Maranhão, onde todos os anos recebe muitos visitantes de outras cidades para os festejos do saudoso mestre Bitá do Barão e algumas outras festividades locais.

Com o tempo, o forró vai se transformando, sobretudo, com as bandas locais, tendo como objetivo atrair as pessoas em suas apresentações. Tanto que, as bandas vêm aderindo aos hits do momento, dos mais diversos gêneros musicais, sendo eles: o arrocha, sertanejo, sofrência, pop rock, funk, pagode baiano (mais conhecido como swingueira) dentre outros. Augusto Brasil fala que:

Em muitas de nossas bandas não temos, especificamente uma música padrão, ou aquela que não pode faltar nos repertórios, porque são cantadas e interpretadas um pouco de cada ritmo de acordo com os sucessos do momento, e com a demanda de cada público; não deixando de lado o reggae que é um dos pioneiros de Codó que já esteve por muito tempo no auge com seus muitos sucessos e que também representa a nossa cultura codoense.

É interessante frisar que no cenário musical de Codó, em termos de banda, o município conta com aproximadamente 50 grupos musicais, uma parte deles está na zona rural da cidade como (na Bacabinha, São Benedito dos Colocados, no Km 17, na Barra do Saco). As bandas são diversificadas vão do pagode, pop rock, swingueira, MPB ao típico forró (agoniado, estilizado, pisadinha, lambazouk, zouk, pé de serra, muito cantado em tempos de quadrilha). Além dos grupos musicais há, também, destacados cantores solos.

As bandas não têm uma identidade fixa em suas letras, melodias e ritmos, mas empregam estratégias para ganharem reconhecimento. Nesse caso, o foco é fazer um repertório musical destinado aos diferentes públicos, de acordo com a segregação da cidade, dos bairros marginalizados aos mais abastados e também das localidades vizinhas, em busca de tornar agradável aos que escutam, para aumentar os convites e agenda de festas e, assim, garantirem seu sustento. O compositor Augusto Brasil observa ainda que:

As bandas mesmo tendo os grupos musicais para cada estilo, nas festas é obrigado a tocar de tudo, quem toca forró é obrigado a tocar arrocha e assim vice-versa, é a forma mais certa para garantir nossa sobrevivência aqui no município de Codó e também em todo Maranhão.

Augusto Brasil explica o motivo das escolhas de ritmos e músicas que as bandas atuais e antigas passaram a aderir no município de Codó:

as músicas antigas tinham letras mais românticas, bem melódicas, hoje está muito denso a realidade da juventude moderna, do que para as pessoas da 3ª idade, lá dos anos 60.

O músico observa que os ritmos antigos ficaram para traz, porque muitos jovens dão preferência ao forró swing, não dando tanta relevância às músicas antigas.

Alguns interpretes e compositores codoenses

Lidy City
Alex Brasil
Amaral Júnior
Antônio Félix
Augusto Brasil
Zé Luiz

Estes são alguns dos intérpretes e compositores codoenses de sucesso, Zé Luiz, inclusive teve uma de suas composições interpretadas pela banda Aviões do Forró e pelo cantor Dorgival Dantas, música de grande sucesso, intitulada “Coração”. composição muito conhecida na região nordeste.

Ao ser questionado como foi o período de pandemia para os músicos da cidade de Codó, que estavam numa situação semelhante a outros artista pelo Brasil, que dependiam do meio musical, Augusto Brasil conta que os músicos tiveram bastante dificuldade financeira para se manterem durante a pandemia, pois os eventos foram todos cancelados naquele momento, mas que apesar das dificuldades um foi ajudando o outro. Destaca, ainda a questão das *lives* que eram feitas através de vídeos, “com ajuda de patrocínio e que com isso muitos tinham o que botar na mesa pra comer”.

Figura 1 - Imagem do compositor Augusto Brasil



Fonte: arquivo pessoal

Biografia: Maria Judith Dias Salazar nasceu em 29 de março de 1943, no interior chamado Olho d’água, município de Codó, viúva, tem dezesseis filhos, vinte netos e nove bisnetos. Bastante conhecida na cidade, por ter uma participação ativa na Educação escolar de Codó.

Maria Judith já professora e coordenadora. É cantora, compositora e artesã. Faz de tudo um pouco, é uma mulher bastante sábia em conhecimentos, ela relata que sempre gostou de ler e escrever, que ao folhear um determinado livro, ela consegue interpretar o que o texto quer passar. Pessoa de uma mente brilhante compôs várias letras de músicas como, “Música da terceira idade”, “Sonho realizado”, “Semiárido do Maranhão”, “Manobra de trem”. As letras das músicas são muito expressivas tanto quanto ao conteúdo, quanto ao ritmo. Maria Judith relatou que nunca suas composições nunca foram editadas e lançadas por falta de recursos. Destacamos, que Maria Judith sempre foi uma pessoa bastante preocupada com a alfabetização e o letramento da população do município e que na época em que atuou como professora observou que algumas pessoas não tinham muito interesse em aprender e que muitos não tinham oportunidade nenhuma.

Dona Judith compôs várias músicas, cada uma delas tem um significado importante para a história do município. Em uma de suas composições mostra que o trem era o segundo meio de transporte daquela época, o mesmo fazia viagens de Codó à Teresina e que nesse tempo, o trem fez várias vítimas, pessoas acidentadas que fraturaram pernas e braços ao tentarem atravessar os trilhos, pois na época não havia estradas.

Música da terceira idade

Analfabetismo é coisa do passado

Agora são todos alfabetizados

Agora pra aprender, não se há idade

Papai, mamãe, vovô, vovó. Todos

Estudam lado a lado.

A visão é coisa boa quem quer

Não quer enxergar. Por isso,

vale o esforço para a vida clarear.

*Filhos, netos. Estão formando.
Bisnetos já sabem ler
Agora, a terceira idade é que
irá aprender*

*Eu escrevi esta música
Porque tenho consciência
Porque a terceira idade
Tem saber e competência.
(Maria Judith Dias Salazar)*

Sonho realizado

*Projeto que está ajudando e que
Queremos mais realizar, nosso sonho hoje é real.
Não sou analfabeto, isso ficou para trás.*

*Só quero gritar para o mundo que estou a aprender,
O meu nome eu assino e também já sei ler,
Vou ajudar os meus netos a tarefa fazer.*

*Aqui eu faço um apelo a quem nunca estudou
Deixa o medo de lado sinta o grande sabor,
Veja tudo que antes você nunca enxergou.*

*E quando chegar esse dia só tenho a agradecer
Essa equipe que um dia se juntou
Pra fazer esse projeto que hoje tanto nos ajudou.
(Maria Judith Dias Salazar)*

Semiárido do Maranhão

*Falando em semiárido incluía o Maranhão
que já teve muita água, agora sequidão. (bis)
Tem rio que está morrendo,
Riacho que já secou,
se Deus não meter a mão,
vamos morrer de calor.*

*O culpado disso tudo são os homens sem coração,
que destrói a natureza, sem amor sem compaixão. (bis)
Deus deixou a inteligência,
o homem quer extrapolar,
estão destruindo a terra, as águas e também o ar.*

*A natureza arquejando,
O homem a lhe matar,
Eles matam a natureza,
E também vão se matar. (bis)
(Maria Judith dias Salazar)*

Manobra do trem

*Passa ou não passa?
Pode passar só não faça manobra
Pra não atrapalhar*

*Nosso trem é tradição
Foi o segundo transporte
Mas fica num vai e vem
Já nos causou até morte*

*Nossa cidade cresceu
Corre lojistas e empregados*

*Com o trem no vai e vem
Vamos chegar atrasados*

*Eu tenho uma sugestão
Pode em mim confiar
Construir nossa estação
Logo que a rua acabar*

*Temos uma estação boa
Não queremos derrubar
Quando construir a outra
Esse num museu pode virar*

*Aqueles que amam Codó
Vejam esta solução
Construir nosso museu
No prédio da estação*

*Está música é espelhada num problema popular
O projeto está na câmara
E é preciso aprovar*

*Futuros vereadores
É que irão defender
Este projeto que hoje
Eu estou a escrever
(Maria Judith Dias Salazar)*

Figura 2 - Imagem de Maria Judith Dias Salazar



Fonte: arquivos dos/as autores/as deste capítulo.

Biografia: Uillo Batista Leite nasceu em 07/06/1963. É pai de 09 filhos, sendo sete biológicos e dois adotivos. O mesmo relata sua trajetória na música, que iniciou desde cedo na igreja, quando ia para os cultos e percebia a necessidade de ser um músico, nisso quando o grupo do ministério de música precisava viajar para as missões nas cidades vizinhas, ele vendo muitos jovens dessas outras cidades, cantando e tocando, resolveu se colocar para representar Codó, já que tinha uma forte carência de músicos para eventos. Uillo Batista Leite relata:

Codó praticamente vivia no anonimato, porque naquela época não tinha ninguém para se apresentar, então senti o desejo de chegar nessas cidades e fazer a diferença, meu intuito a partir daí era representar Codó.

Desde então, uma coisa foi levando a outra, nesse mesmo período de instrumentista virou cantor e foi se desenvolvendo

como músico, passou a estudar violão, partitura se aprimorando em ambos, o que garantiu a ele, a curto prazo, desenvolver um trabalho com muita maestria, perceptível por seu ministério e público, tanto nas apresentações locais, quanto vizinhas. Isso deu-lhe motivação para não se limitar no conhecimento que já tinha adquirido, mas buscar melhorar mais ainda; não demorou muito e ele percebeu sua aptidão para compor músicas, deixando fluir seu talento nos mais diversos estilos musicais.

O artista possui diversas composições gravadas, dentre elas três músicas populares gravadas pelo cantor mineiro Carlos Amado, duas composições gospel, que foram gravadas pelo seu ex-aluno e também cantor, compositor, Odean Sales de Timbiras. Tem, também, uma composição para homenagear o município de Codó feita em 2019 e gravada em 2020, intitulada “Codó terra do meu coração”. Seu trabalho musical é, também, muito conhecido na política codoense, sendo ele, o compositor de boa parte das músicas dos candidatos em pleitos eleitorais. Sobre este trabalho afirma:

Quando estão as vésperas do período das eleições a maioria desses políticos vem até a mim, me pedem as composições e até os cantores para interpretá-las, e nisso, eu e meu produtor musical buscamos dá o nosso melhor a eles, tanto no vocal quanto no instrumental.

Sobre a canção de Codó, ele nos relatou que o hino de Codó lhe inspirou em sua mais nova canção até então, ele diz:

essa música eu já havia pensado a muito tempo, no intuito de homenagear a nossa cidade e o que me inspirou a compor ela foi o hino de Codó, feito por Dona Luíza D’Ally Alencar, que por sinal é uma música muito linda, bem melódica, com uma letra bem intelectual, um trabalho extraordinário, já falei uma vez para Dona Luíza, pessoalmente que quando ela escreveu essa música ela realmente estava muito inspirada.

O músico Uillo Batista Leite, também buscou atribuir nas suas canções, elementos riquíssimos observados por ele, da cidade. Fala dos cocais, dos rios Codozinho e Itapecuru, da cultura negra

codoense e maranhense chamada de “afro-maranhão”, pois para ele é de extrema importância falar de comunidade, cultura negra, não só de Codó, mas, também do Maranhão. Por ser uma música cultural local, Uillo teve dificuldades em encontrar um ritmo que se adequasse à sua música. Ele tentou o forró arrocha por ser o ritmo predominante das bandas locais, por fim, ele decidiu que seria bossa nova, segundo ele, suas referências musicais lhe ajudaram nessa decisão.

Quando Tom Jobim fez a música garota de Ipanema ele usou bossa nova, com o Caetano Veloso não foi diferente na música sampa. Pois eu já havia testado outros estilos e não achei que tinha combinado, além de ter combinado esse estilo na música, foi uma forma também que encontrei de resgatar a bossa nova para a atualidade. [...] Outro motivo que me inspirou nessa música, é porque vejo Codó como a cidade de um povo guerreiro e hospitaleiro.

Por isso, Uillo nos chama a atenção para um trecho da música: “Codó, de tua água quem beber, nunca mais vai te esquecer”. “Sempre ouvi as pessoas falando que quem bebe da água de Codó sempre volta”, tal como vemos na canção abaixo:

Codó terra do meu coração

*Codó, Terra do Meu Coração.
Meu amor minha paixão.
Codó, do futebol, dos carnavais,
Maravilha dos cocais
Ser codoense é meu prazer
Codó, tu encantas e fascinas
Entre tantas, a mais linda,
Longe de ti não sei viver.
Codó, tu és terra abençoada
Por teus filhos sempre amada.
Codó, do povo forte e guerreiro,
Acolhedor e hospitaleiro,
Será sempre o meu lugar,*

*Codó, de tua água quem beber
Nunca mais vai te esquecer
E aqui sempre vai voltar.*

*Codó, do meu Itapecuru,
Do rio Saco e Codozinho
Pra regar o babaçu
Codó, és mãe afro Maranhão
Cultura e religião,
Terra do nosso coração.
(Uillo Batista Leite)*

Ao trazer suas composições para o âmbito educacional, compôs uma música que, atualmente é o hino oficial da escola Timbirense Paulo Freire.

No início desse ano, escrevi uma música para escola Paulo Freire de Timbiras para concorrer com outras e acabei vencendo o concurso, a minha música foi escolhida e hoje ela é o hino da escola.

Figura 3 - Imagem de Uillo Batista Leite



Fonte: arquivos dos/as autores/as deste capítulo.

Biografia: José Orlando Pinto dos Santos, conhecido, popularmente, como Orlando Maranhão, natural de Codó, nascido em 06/10/1955 é cantor e compositor.

Orlando vem trazendo muitas contribuições para a arte musical codoense, representando muito bem os codoenses por onde passa. Algumas de suas letras destacam as problemáticas encontradas em nossa cidade, com quase 500 quinhentas músicas ao longo de sua carreira, fala um pouco de seu novo trabalho repleto de novas músicas, o disco intitulado de “Bem Sertão”, gravação em parceria com todos os músicos de Codó, com lançamento previsto para dezembro deste ano (2022). E, posteriormente, suas várias composições para Codó, sendo elas músicas regionais/raiz que falam das crenças, dos costumes do povo nordestino, em especial, sobre os codoenses, suas alegrias e sofrimentos. Seu talento nato lhe fez ganhador de vários festivais codoenses e afora, a exemplo do festival da Universidade Federal do Maranhão em São Luís, também nas cidades de Imperatriz e Pará. Segundo ele, temas relacionados à ecologia, causas relacionadas aos rios estão presentes em suas composições, por serem elementos que ele gosta muito. Que inclusive compôs uma canção falando do rio Itapecuru.

Também compôs a música “Tambores” que fala de vários elementos ricos codoenses, bem destacados, como a fundação de Codó, local antes habitado por povos indígenas, destaca na letra de “Tambores”, a mistura dos povos que aqui habitam.

Tambores

*Habita tribos Iaras guaranis
Codó nascido ninho bem- ti-vis
Água mergulhava sem seus covis
O encontro dessas águas me fez cantar
Codozinho, Itapecuru
Riacho são José vão chegar no mar
À noite, tambores de nego arrufar*

*Assim é meu Codó, misturas de índios e brancos, pretos e africanos
À noite, tambores rufando
Anunciando conga lelé berre bete
O sino da matriz
Chamado pra missa dominical
O trem de ferro passava
As mulheres banhavam os meninos
Se ouvia o apito das fábricas, chamando pra trabalhar
À noite, tambores de negro arrufar
Assim é o meu coração, misturas de índios e brancos, pretos, africanos
Assim é o meu coração, misturas de índios e brancos, pretos, africanos.
(José Orlando Pinto dos Santos)*

Lamento do rio Itapecuru

*Ei, o rio Itapecuru escutando teus lamentos
Cé está secando os olhos d'água, seus riachos afluentes
Tuas vegetações naturais, devastadas pela inconsequência
O homem muitas vezes pensa só em si
Sei que você e eu precisamos ter consciência
Da importância da fauna e da flora
Vamos e seremos amigos, do Itapecuru
Para lutar e salvarmos o Itapecuru
O ecossistema
Somos amigos da fauna e flora
Somos amigos da escola
Sei já está em extinção
Os teus peixes matruchos
Me falou um velho pescador que o sustento daqui tirou
Da pescaria, da predatória
Os surubins e mandis das caias
Das lendas e belezas que já foi meu rio Itapecuru
Ei, meu rio Itapecuru, escutamos os teus lamentos.
(José Orlando Pinto dos Santos)*

A música principal de seu primeiro CD é de mesmo nome “Cheiro da terra”. Orlando relata que no período em que passou

viajando sentiu a necessidade de voltar para Codó, nisso, quando já estava voltando de suas andanças pelo Brasil afora, chegou e disse: “daqui eu não saio mais”.

Cheiro da terra

*Voltei, porque eu tinha razão
Foi com saudade do sertão
E o canto do corrupião
Lelé, lelé, lelé
O bem-te-vi disse que te viu me procurando, no agredir da paixão
O bezerro desmamando estava
Desgarrado no campestre, da solidão lelé, lelé, lelé
Tua lembrança era um caju travoso
Na saudade era uma prensa, de apertar meu coração
Aqui sinto o cheiro da terra
Algodão flor de ipê, rosa arrasa tuturuba murici, rosinha
Isso me faz voltar pro sertão que é meu lugar.
(José Orlando Pinto dos Santos)*

Figura 4 - Imagem de José Orlando Pinto dos Santos



Fonte: arquivo pessoal

Referências

AGUIAR, Carlos Eduardo Ribeiro. **Platão: contribuições da música na formação do cidadão**. São Paulo: Moderna, 1995.

SOUZA, Carlos Augusto. Entrevista concedida em 26 out. 2022.

SALAZAR, Maria Judith Dias. Entrevista concedida em 5 dez. 2022.

LEITE, Uillo Batista. Entrevista concedida em 29 nov. 2022.

SANTOS, José Orlando Pinto. Entrevista concedida em 24 nov. 2022.

TEMA 7: PESSOAS ILUSTRES

Educação, cultura e criatividade de pessoas que contribuíram para a formação da cidade de Codó (MA)

Emanuele Vieira Cunha

Gisele Sena Freire

Odair Lima Maciel

Nome do entrevistado: Jeffersson Alves de Sousa

Ano do nascimento: 18 fevereiro de 1977

Gênero: masculino

Ocupação: Professor e poeta

Biografia: Jeffersson Alves de Sousa (Jeffersson Alves) é historiador, pesquisador, professor e poeta. Iniciou seus estudos primários no Grupo Escolar Colares Moreira. Coursou o Ensino Fundamental no Complexo Escolar Renê Bayma. Coursou o Ensino Médio na capital maranhense, nos Colégios CIPE e Seleção. Ingressou na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em janeiro de 1998, em seu 1º curso superior. Filho de criação do escritor João Batista Machado. Jeffersson é licenciado em Pedagogia e Bacharel em Direito.

Nome da entrevistada: Luiza D'ily Alencar de Oliveira

Ano do nascimento: 09 de janeiro de 1939

Gênero: feminino

Ocupação: Professora aposentada

Biografia: Luiza D'ily Alencar de Oliveira, nascida na cidade de Água Branca (PI), em 9 de janeiro de 1939, é filha de Luiz Carvalho de Alencar e Adália Anália de Alencar, conhecida, popularmente como professora Luizinha.

Nome da entrevistada: Maria Judith Dias Salazar

Ano do nascimento: 29 de março de 1943

Gênero: feminino

Ocupação: Artesã, aposentada

Biografia: Maria Judith Dias Salazar, nascida no povoado Olho d'água, município de Codó, em 29 de março de 1943, é conhecida na cidade apenas como Judith, a mesma é viúva e mãe de vinte filhos, sendo quatro deles de criação, tendo também mais de vinte netos e nove bisnetos. Seu pai morreu na sua infância e sua mãe trabalhou na antiga fábrica de tecidos, conhecida como a Companhia Manufatureira.

Nome do entrevistado: José Orlando Pinto dos Santos

Ano do nascimento: 06 de outubro 1955

Gênero: masculino

Ocupação: Autônomo

Biografia: José Orlando Pinto dos Santos, popularmente, conhecido com Orlando Maranhão, cantor e compositor, nascido em Codó, Maranhão, no dia 06 de outubro 1955. Filho do sanfoneiro Alcir Campelo e da professora Maria Joaquina, casado com a também professora Rislava Alves Haidar, pai de seis filhos, cursou somente o primário.

Contextualização inicial

Nesta seção, apresentamos a história de pessoas importantes que colaboraram para o desenvolvimento da cidade de Codó, Maranhão. Essas pessoas puderam contribuir para o desenvolvimento da Educação e da cultura do município, alguns são figuras que não possuem destaque na mídia, porém, seus feitos estão marcados na história da cidade.

O presente capítulo visa abordar a biografia dessas figuras ilustres em nossa cidade, como a de João Batista Machado, escritor e autor de livros que retratam a história marcante da cidade de Codó; Luiza D'Ily Alencar de Oliveira, professora no município e

autora do hino que canta a beleza da cidade e idealizadora da primeira bandeira do município de Codó; Maria Judith Dias Salazar, escritora, compositora, artesã e poetisa. Maria Judith escreve sobre suas experiências e conhecimentos sobre a cidade e; José Orlando Pinto dos Santos, mais conhecido como Orlando Maranhão, cantor e compositor que em suas letras retrata aspectos culturais da cidade.

Figura 1 - Imagem do escritor João Batista Machado



Fonte: arquivo pessoal

Biografia: Todas as informações para a elaboração desta biografia foram repassadas pelo filho do autor, Jefferson Alves, licenciado em Pedagogia e Bacharel em Direito, também professor na cidade de Codó e filho de criação de João Batista Machado. As contribuições de Jefferson Alves foram de fundamental importância para descrevermos quem foi o importante escritor codoense, João Batista Machado.

O escritor João Batista Machado nasceu no dia 24 de junho de 1925, no povoado de São Miguel, distrito de Codó (Ma), (Local onde seu pai era proprietário de terras), filho do casal Marcelino Cunha Machado e Raimunda Almeida do Porto Viana Machado.

Uma de suas irmãs é a ilustre mestre, Maria Alice Machado. Sua família é proveniente do estado do Piauí. Começou a estudar em uma sala pequena multisseriada no povoado que nasceu, logo após teve a necessidade de se mudar para a cidade de Codó, para dar continuidade aos estudos, então veio morar com o seu padrinho até sua maioridade. Foi aluno da Escola Ferreira Bayma e mais tarde, na escola Colares Moreiras, na qual concluiu o ensino fundamental

Mudou-se para a capital São Luís, onde deu início ao ginásio, atualmente Ensino Médio. concluiu o ginásio no Rio de Janeiro e iniciou o Ensino Superior na Faculdade de Direito de Niterói, logo teve que desistir do curso. Após ser aprovado na prova do INSS, permaneceu na cidade maravilhosa por 40 anos. Descrito como um de seus traços marcantes, o seu gosto pela leitura e pela escrita. João mesmo longe de suas origens sempre teve anseio em escrever sobre sua cidade natal.

Figura 2 - Imagem da família do escritor João Batista Machado

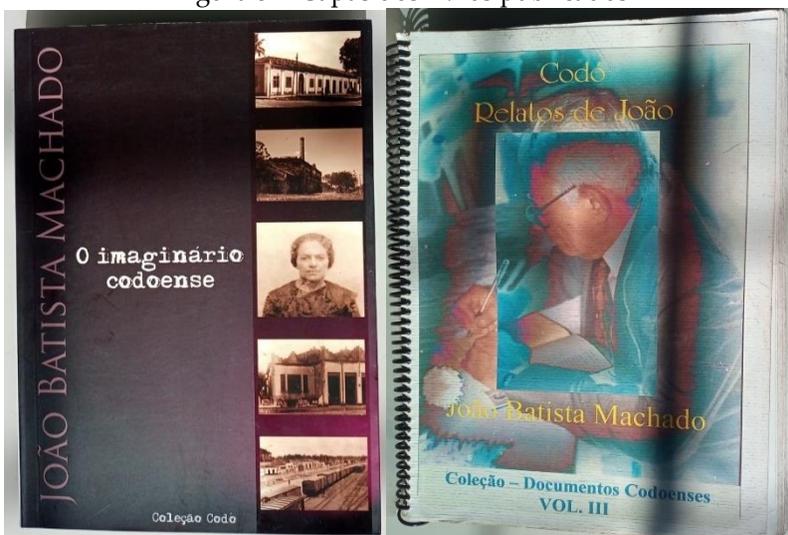


Fonte: arquivo pessoal

Quando retornou para a cidade de Codó, sentiu falta de materiais de estudos acerca da história da sua cidade, pois perto das festividades da cidade, os trabalhos escolares eram frequentes e não tinham recursos de estudos, então seu primeiro livro surgiu da ideia inicial de fazer uma apostila para os estudantes. Dado isso se deu o

primeiro livro intitulado *Histórias do fundo do baú* e o seu segundo livro com o título *O imaginário codoense*. Contudo, teve dificuldades para a publicação destas obras, considerando custos da publicação e falta de apoio dos governantes. Participou, também de antologias literárias, a exemplo de *Antologia de Poetas da Nova Geração*, compilada pelo poeta Raimundo Araújo; *Antologia da Moderna Poesia Brasileira*. Também publicou a peça de teatro intitulada *Suspeita*. Essas importantes obras foram prefaciadas por acadêmicos da Academia Brasileira de Letras.

Figura 3 - Capas dos livros publicados



Fonte: arquivo pessoal

João Batista Machado e outros nomes importantes foram responsáveis pela criação da Associação Cultural "Antônio de Almeida Oliveira", fundada no ano de 2002 e que teve um papel relevante na difusão das riquezas culturais codoenses durante seu funcionamento. O escritor também é fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Codó (2003), junto com seu filho Jefferson Alves; o escritor Ribamar Reis; Dr. Duailibe; os professores Gilberto Moniz e Carlos Gomes e o jornalista Ribamar Amorim. Como um

apaixonado pela cultura foi o criador e membro da Academia de Letras e Artes Codoense (ACLAC).

João Batista Machado faleceu aos seus 91 anos de idade no dia 22 de março de 2016, na cidade de Teresina, por problemas de saúde, mas deixou um grande marco para a cidade de Codó, além de seus livros e instituições que engrandecem a cultura codoense e que serão passados de geração a geração.

Em sua homenagem, foi criada uma escola que recebeu o seu nome, João Batista Machado, localizada no residencial do bairro da Trizidela.

Figura 4 - Imagem da Escola João Batista Machado



Fonte: Blog do Acélio Trindade

Biografia de Luiza D'Lly Alencar de Oliveira

Figura 5 - Imagem de Luiza D'Lly Alencar de Oliveira



Fonte: arquivos dos/as autores/as deste capítulo.

Luiza D'Lly Alencar de Oliveira, nascida na cidade de Água Branca (PI), em 9 de janeiro de 1939, filha de Luiz Carvalho de Alencar e de Adália Anália de Alencar, conhecida popularmente como professora Luizinha. Foi a autora do hino da cidade de Codó. Luiza D'Lly Alencar de Oliveira chegou na cidade no ano de 1948, aos 8 anos de idade, iniciou sua vida escolar na cidade de Codó, onde fez todo seu primário e ginásio, realizou o exame de admissão e foi aluna fundadora do ginásio já que, na época, não havia esta modalidade de ensino. Quando terminou o ginásio foi para São Luís, capital do Maranhão, fazer o Curso Normal, vindo a cursar apenas um ano, pois acabou não se identificando com o referido curso. Ingressou em outro curso, quando retornou à cidade de Codó, foi convidada para lecionar no colégio Codoense, o que com gosto. Luiza relata ter sido um grande desafio visto que não possuía o curso de Pedagogia e nem o curso Normal e sem ter estudado nenhuma disciplina pedagógica e ter que encarar uma turma de ginásio, contudo, se esforçou bastante para ser uma professora

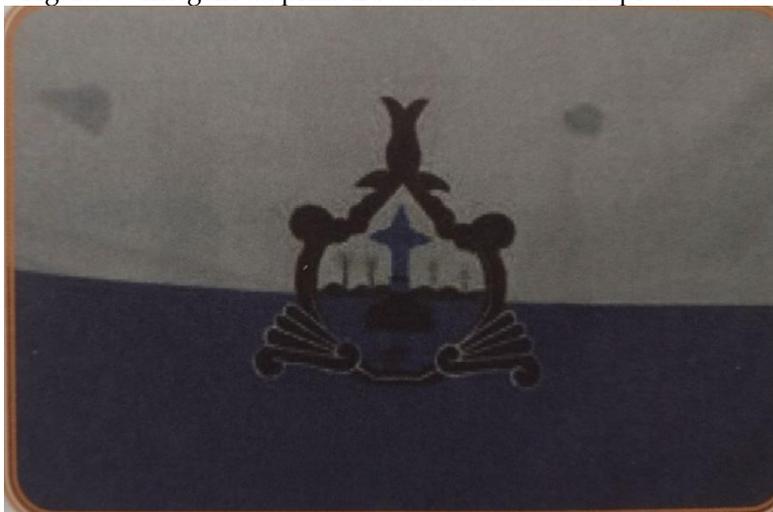
razoável, tal como disse ela. Após alguns anos ela resolveu fazer novamente o curso Normal e também cursou Pedagogia na UFMA, campus de Codó.

A Professora Luizinha está aposentada há 20 anos, após ter dedicado 34 anos de sua vida, trabalhando na Educação, não apenas como professora, mas também como coordenadora e diretora. Foi coordenadora do PROCAD (PQD), Programa de capacitação aos docentes, na UFMA. Para ela seus anos na docência foram bons, acredita que foi melhor que agora onde é possível perceber mais rebeldia em sala de aula, visto que em sua época havia mais respeito, solidariedade e compreensão entre professores e alunos.

Professora Luiza é autora dos símbolos mais importantes da cidade, o hino e também é idealizadora da primeira bandeira do município de Codó. Na época da criação destes símbolos, exercia o cargo de Secretária de Educação. Na entrevista, ela relatou como surgiu foi a ideia da criação do hino e da primeira bandeira:

Era o ano de 1971 e aproximava o aniversário de 75 anos da cidade, como Secretária de Educação do município, tive a ideia de fazer algo legal para a comemoração do aniversário da cidade, e buscando em alguns arquivos históricos percebi que a cidade não tinha uma bandeira e nem hino. Fui sondar algumas pessoas e vereadores para coletar informações acerca da bandeira e conversando com meu irmão, vereador na época, me contou que nunca haviam hasteado bandeira alguma no município, então fui até a capital São Luís e criei a bandeira, realizei algumas pesquisas sobre a origem, tanto que na primeira bandeira tem uma codorna pois é a versão mais forte que eu encontrei da origem do nome Codó, lá mesmo pintei a bandeira com a ajuda de um rapaz que me passava as tintas, ainda veio molhada pois já se aproximavam os dias do aniversário, então no dia do aniversário de 75 anos hasteamos a bandeira.

Figura 6 - Imagem da primeira bandeira do município de Codó



Fonte: arquivos da Professora Efigênia Castro

A seguir, a Professora Luiza nos dá os detalhes acerca da criação do hino.

Entre o dia do aniversário ao dia 25 de Abril, comecei a pensar na ideia do hino um certo dia, embalando minha mãe que estava adoentada comecei a cantarola e desde cedo sabia que eu tinha habilidades de colocar músicas em lições para aprender com facilidade, quando percebi que ia sair alguma coisa, fui até o meu vizinho, Talmir Quinzeiro e pedi seu gravador emprestado, porque talvez, no dia seguinte não lembraria mais, então continuei, fui organizando as estrofes, os versos em sequências diferentes para que as ideias ficassem bem mais encaixadas.

Quando perguntamos a respeito de como o hino foi apresentado a outras pessoas, ela nos disse que não chegou a apresentar, simplesmente o Sr. Talmir Quinzeiro, o dono do gravador que também era vereador na época, começou a trabalhar os hinos nas escolas da zona rural e a primeira vez que ela ouviu o hino cantado por outras pessoas foi no aniversário de Cajazeiras quando estava na inauguração de algumas escolas e foi recebida com os alunos cantando o hino.

Ela conta também que muitas pessoas perguntam em que ela se inspirou para criar o hino de Codó. Ela disse que acredita que depende do estado de espírito em que a pessoa se encontra no momento e ela estava fragilizada pois sua mãe estava doente desenganada pelos médicos. Fala que o sofrimento a tornava mais sensível e criativa, e destaca que o amor que ela sente por Codó foi fundamental para sua inspiração. Disse que ama a cidade, pois aqui casou-se e teve seus filhos. Quando perguntada sobre como se sentia em saber que algo escrito por ela tem bastante importância na cidade, ela nos disse, que é muito agradável, muito bom e que é algo compensador pelo tanto que trabalhou pela educação: “então se você é reconhecida pelo seu trabalho, pelas suas produções, isso é muito gratificante”.

O hino descreve a beleza da cidade, a Professora Luiza procurou localizar pontos e lugares que eram mais bonitos, como a praça da Liberdade, o rio que era tão lindo e bem mais largo, as matas também eram mais verdes. A autora sente que a sociedade recebeu o hino com bastante carinho.

Além do hino, a Professora Luiza tem alguns poemas de sua autoria, mas nunca buscou publicá-los. Luiza também é membro da Academia Codoense de Letras e, também membro do Instituto Histórico e Geográfico, no qual já foi presidente em gestão passada.

Hino do Município de Codó

Ufanamo-nos de ti grande terra,
Berço vivo de Grandes brasões,
Onde o amor e a paz é Bandeira
Hasteado em nossos corações.

(Refrão)

Do Maranhão tu és filha,
És pedaço do Brasil.
Todo teu povo agasalhas
Sob lindo céu de anil.
Tu ostentas na Praça da Liberdade
Um cruzeiro, símbolo da religião,

Monumento marcante nesta cidade,
Exibido hoje em nosso pavilhão.
Teu rio de águas caudalosas,
Que tranquilo em seu leito desliza,
Fertiliza as margens frondosas
Contornando a tua beleza.
Tuas matas são ricas palmeiras,
Tuas praças convites ao amor.
Do querido riacho Água Fria
Tu recebes carícias e frescor.
Nós teus filhos, Codó, lutaremos
Em corrente de amor e dever;
Formaremos grande aliança
Para nossa cidade crescer.
(Composição: Luiza D'ily Alencar de Oliveira)

Biografia de Maria Judith Dias Salazar

Figura 7 - Imagem de Maria Judith Dias Salazar



Fonte: arquivos dos/as autores/as deste capítulo.

Maria Judith Dias Salazar, nascida no povoado Olho d'água, município de Codó, em 29 de março de 1943, é conhecida na cidade apenas como Judith, é viúva e mãe de vinte filhos, sendo quatro deles

de criação. Tem mais de vinte netos e nove bisnetos. Seu pai morreu na sua infância e sua mãe trabalhou na antiga fábrica de tecidos, conhecida como a Companhia Manufatureira e quando a mesma fechou, sua mãe começou a fazer bolos e a lavar roupas para fora, afim de para garantir o alimento da família. Judith ajudava sua mãe na venda dos bolos e de mingau de milho na rua.

Fez o primário no Colares Moreira, ela também fez o adicional na época, na escola Magalhães de Almeida, onde atualmente está situado o Educandário Santa Teresa Dávila, a antiga escola Pequeno Polegar. Dona Judith tinha um desejo de fazer Pedagogia, pois já havia cursado todas as disciplinas no antigo supletivo, porém não concluiu, então realizou sua inscrição para realização de uma prova para cursar Pedagogia, pagou a taxa, mas não conseguiu efetuar a prova, pois no dia da prova, a filha passou mal. Também, logo enfrentou outros problemas, um deles, a morte de seu esposo e, desde então, ela largou os estudos no quesito de formação.

Judith tem facilidade para escrever versos, poemas e letras de música, ela nos relata que apenas com uma palavra, obtém ideias para construir versos, uma história, uma peça de teatro. Dona Judith é poetisa, compositora e professora apesar de não ter um certificado, mas contribuiu muito para a Educação escolar de muitos codoenses. Quando indagada a respeito de que ano ela começou a escrever, nos respondeu:

Faz muitos anos... só que tudo que eu fazia não era valorizado, jogava tudo fora, comecei a valorizar em 1984, quando fui presidente do clube de mães do meu bairro e tive muito contato com a professora Iramari, quando eu pegava uma folha de papel que escrevia algo, ela guardava e pedia para não jogar fora.

Ela nos conta que possui um dom e um exemplo é que se ela está participando de um evento, quando o mesmo termina já está com os versos no caderno. Judith nos conta que guarda consigo dois cadernos escritos por ela com histórias de Codó, são memórias

e acontecidos desde os anos 50, quando ela ainda era criança, o mesmo nunca foi publicado por falta de recursos e também por não ser valorizado.

Dona Judith escreveu registrou diversas lendas na região de Codó, no total de 17 lendas, entre elas estão “A velha de São José”, “A porca de boné”, “A mulher de 7 metros”, “O braço cabeludo”, “Cabeça de cuia” e “A serpente”, algumas já foram publicadas em jornais impressos na cidade, outras ainda não foram publicadas e estão todas escritas em cadernos e guardados por ela.

Judith teve grande contribuição no Programa Brasil Alfabetizado, no qual ela fez sua inscrição para ser professora, mas chegando até o local, seu nome constava para ser coordenadora das turmas. Eram no total de 12 turmas, o Programa foi encerrado em 2016. Judith ainda escreveu uma letra de música para o dia do lançamento do livro, que era voltado para o Programa. Quando perguntada acerca de que tipo de pessoas eram atendidas pelo Programa, nos informou que:

Eram jovens e adultos, mas era dedicado à terceira idade, pessoas que nunca tinham ido na escola, a diferença do EJA, é que a gente trabalha o primeiro e o segundo ano e no Programa Brasil Alfabetizado era só pra alfabetizar mesmo, já saia lendo, escrevendo, fazendo conta.

Dona Judith tem esperanças de que um dia o projeto possa voltar: “espero que um dia esse projeto possa voltar, porque ele é ótimo, para ajudar na alfabetização, às vezes, a gente pensa que o adulto não sabe nada, aquela pessoa pode ser lá da roça, que nunca viu nada, mas ele sabe de tudo”.

Durante a entrevista falou que muitas coisas que Codó possui tem um dedinho dela:

Eu luto só pelas coisas boas da cidade, fui fundadora da igreja de São Pedro, fundei uma grande escola no bairro Jerusalém, que até a pouco tempo tinha o nome de Sarney filho... naquela escola eu fiz fogareiro com minhas mãos,

levei cadeira, levei banco, levei tudo... o prefeito na época só me deu os funcionários e as merendas o resto tudo eu levei.

Em relação à inspiração para escrever tantas letras de música, tantos poemas e histórias, ela menciona que sempre gostou de música e também sempre gostou de ler e que algumas leituras se transformam em verso. Acredita também que sua participação em uma banda musical, quando era jovem motivou-lhe a compor letras e poemas. Diz que ensaiavam no centro operário e desde de então, começou a escrever música e a escrever versos, cantavam nos corais das igrejas de São Sebastião e na igreja Matriz e por causa disso também tem muitas músicas.

Biografia de José Orlando Pinto dos Santos - Orlando Maranhão

Figura 8 - Imagem de José Orlando Pinto dos Santos



Fonte: arquivo pessoal

José Orlando Pinto dos Santos, popularmente conhecido como Orlando Maranhão é cantor e compositor. Nasceu em Codó,

Maranhão, no dia 06 de outubro 1955, filho do sanfoneiro Alcir Campelo e da professora Maria Joaquina, casado com a professora Rislava Alves Haidar, pai de seis filhos. Seu José cursou somente o primário, todavia sua pouca escolarização não o atrapalhou no seu desenvolvimento com música e composições. Em nossa entrevista, observamos que ele é uma pessoa alfaleturada. Orlando Maranhão tem no sangue, a arte pela música e pela composição, pois vem de uma geração de músicos e compositores. Orlando Maranhão participou de diversos eventos no Maranhão e no Pará, tendo ganhado vários troféus e prêmios.

Orlando Maranhão exerceu várias profissões, desde trabalhador da construção civil a motorista, mas, nunca deixou de focar no sonho de ser compor e cantar. Para Orlando Maranhão, cada nova música composta é motivo de realização, pois compor uma música é sempre um momento de inspiração poética, tal inspiração para ele não tem hora e nem lugar. Segundo ele, os melhores momentos para sua inspiração são ao amanhecer e ao entardecer, principalmente, no período chuvoso, nos meses de maio e junho e no abrochar das flores. Orlando relata que é um admirador de suas composições, pois cada uma tem sua poesia musical e são importantes na sua vida artística.

Orlando Maranhão diz que trata cada composição como um filho que acabara de nascer. Suas principais composições são: “Cheiro da Terra”, esta, ele compôs durante uma viagem de volta do Rio de Janeiro para sua terra natal, Codó. Citamos ainda a composição “Dança de Caboco”, para esta, a inspiração veio em um dia chuvoso, sentado na varanda de sua casa, no entardecer do dia ao observar a chuva. Esta foi a sua segunda grande composição, logo depois veio à inspiração para “Roçado Broque do Boqueirão”, letra inspirada no sofrimento que seus pais tiveram para criar os onze filhos, retrata a família o povo nordestino, o sofrimento e a paixão de um povo batalhador. Orlando tem várias composições, porem nenhuma delas é cantada por musico de renome, ele relata que não fica triste por isso, porque ele já a satisfação por ser um poeta musical. Para Orlando Maranhão, a pouca valorização das suas

músicas encadeou para o não crescimento da sua vida artística. Porém, isso nunca o desmotivou a continuar a compor e a cantar suas músicas em pequenos shows entre o Maranhão e o Pará.

TEMA 8: POEMAS

Poetisas Codoenses

Anna Karoline Santos de Sousa
Marcilene da Silva Lima Souza
Sammia Karine Bezerra de Sousa

Nossa terra é berço de poetisas desde muito antes de se tornar Codó. Se fôssemos listar os nomes de todas as pessoas importantes dos poemas da cidade, não haveria espaço suficiente. Unidas pela cidade que nasceram e pelos poemas, em grande parte dessas autoras conseguimos ver o amor pela cidade de Codó e suas representações. Então, escolhemos trazer um pedaço da nossa história através dos poemas de três codoenses. A primeira delas, Maria Judith Dias Salazar¹, uma senhora com muita garra, querida e que ama nossa terra de paixão e deixa isso claro nos poemas que escreveu.

Sua experiência com a escrita começou quando era bem mais nova, aos 15 anos de idade, época em que a mesma participava de uma banda musical, atividade que facilitava a construção de versos e poemas, desde então, ela escreve sobre o que vive, sobre os sentimentos que carrega, transformações que já aconteceram na cidade e seus desdobramentos.

A segunda pessoa é a poetisa e professora, Francileide da Silva de Sousa.

Figura 1 - Imagem de Francileide da Silva de Sousa

¹ Considerando que a biografia dessa autora consta no capítulo sobre pessoas ilustres, optamos por não repetir as mesmas informações nesta seção.



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada.

Nome da entrevistada: Francileide da Silva de Sousa

Ano do nascimento: 01/07/1959

Gênero: feminino

Ocupação: Professora

Biografia: Natural de Codó, Francileide gosta de descrever seu amor por Codó e como a cidade se transformou ao longo do tempo, através da poesia. Ela menciona que sempre teve facilidade para construir poemas, mas que apenas descobriu isso quando trabalhou no projeto Escola Ativa, no qual desencadeou este talento. Segundo ela, todos os poemas que ela produziu são importantes, cada um com sua peculiaridade.

Biografia de Francisca Basílio

Francisca Basílio é a terceira poetisa que nos traz belos poemas das ruas e culturas da cidade de Codó, sua terra natal onde se criou e vive até hoje.

Figura 2 - Imagem de Dona Francisca Basílio



Fonte: arquivo pessoal

Nome da entrevistada: Francisca Basílio da Silva

Ano do nascimento: 18/10/1955

Gênero: feminino

Ocupação: Gestora escolar

Biografia: Francisca é mãe de sete filhos, casada, tornou-se professora aos 19 anos e relata na entrevista sua facilidade para criação de poemas e como isso se tornou significativo ao longo de sua vida. Francisca relata que a sua relação com a escrita de poemas iniciou-se na infância, aos 12 anos de idade, brincando de “ciranda-cirandinha”. Para Francisca, a poesia exige inspiração, mas para ela sempre foi muito fácil construir poemas, ela menciona que quando foi professora, preparava suas aulas com poemas para seus alunos, ela mesmo criava a partir de determinado conteúdo, para que assim o conhecimento fluísse de maneira mais leve, sem aquele método tradicional.

Desde a época dos descobrimentos os nossos conterrâneos produzem poesia, colocando em palavras sentimentos complexos e refletindo os contextos nacionais. Leve, doce, simples e encantadora, a poesia, seus versos e rimas cativam adultos e

crianças. Pensando em tudo isso, reunimos aqui os 3 melhores poemas de nossas poetisas codoenses, que com certeza irão trazer deliciosas recordações de nossa querida Codó. Eis poemas de nossa literatura que merecem um conhecimento muito maior.

MANOBRA DO TREM

Maria Judith Dias Salazar

*Passa ou não passa?
Pode passar só não faça manobra
Pra não atrapalhar*

*Nosso trem é tradição
Foi o segundo transporte
Mas fica num vai e vem
Já nos causou até morte*

*Nossa cidade cresceu
Corre lojistas e empregados
Com o trem no vai e vem
Vamos chegar atrasados*

*Eu tenho uma sugestão
Pode em mim confiar
Construir nossa estação
Logo que a rua acabar*

*Temos uma estação boa
Não queremos derrubar
Quando construir a outra
Esse num museu pode virar*

*Aqueles que amam Codó
Vejam esta solução
Construir nosso museu
No prédio da estação
Esta música é espelhada num problema popular*

*O projeto está na câmara
E é preciso aprovar*

*Futuros vereadores
É que irão defender
Este projeto que hoje
Eu estou a escrever*

MEMÓRIAS DE CODÓ

Francileide da Silva

*Minha terra tem histórias
Maravilhas de viver
Lindos rios e cocais
Enfeitando o entardecer*

*Quando vem rompendo o dia
O canto do sabiá
Me dá prazer e alegria
De morar no meu lugar!*

*Porém muito me recordo
Das mudanças que aqui tem
Construções que foram embora
Dando espaço ao que vem!*

*O relógio lá da praça
Nosso tempo a marcar
Junto com outras relíquias
Já não existe mais lá*

*E a fábrica de tecidos
Companheiras a fiar
Quantas que vestiam
O povo do meu lugar!*

*Lá na frente do dirceu
Quantas vezes fiquei lá
Em baixo de uma figueira
Para transporte pegar!*

*Foi na estrada de ferro
Que o trem passava lá
Viajei me diverti
Indo pra lá e pra cá*

*O armazém que ficava
Lá na praça do balão
Também ficou no passado
Deixando recordações*

*Mesmo com tantas mudanças
Meu lugar é meu xodó
Comemoro com festivais
Mais um ano de Codó*

CODÓ QUE TANTA RECORDAÇÃO

Francisca Basílio

*Codó tem cinema
Nas tardes de domingo
Era grande animação
Meninada assistia filme
Com muita atenção
Piui, piui, lá vem o trem
Chegando na estação
Vindo de Teresina
Para São Luís do Maranhão*

*Na minha cidade
Carro vai, carro vem
Eu não esqueço
De falar da linha do trem*

*A minha cidade
É um paraíso sim*

*Tem seus defeitos
Mas tudo é bonito pra mim
Codó minha cidade
É que estou sempre a falar
E convido a todos
Para nossa cidade cuidar*

*As águas do rio Itapecuru
Nosso rio chora baixinho
Temendo suas águas secar
Não, não chora
Os codoenses irão te preservar*

*Nosso rio chora baixinho
Dizendo vem me olhar
Cuida de mim com carinho
Não vão secar*

*Codó, outrora
Era vila urubu
Os índios andavam nus
As águas do rio Itapecuru
Eram potáveis e azuis
Hoje está diferente
Codó tem muita gente
Vamos cuidar com urgência
Do nosso rio que está carente
Queremos ver suas águas
Limpas e transparentes.
(Francisca Basílio)*

TEMA 9: PONTOS TURÍSTICOS

OS PONTOS TURÍSTICOS E HISTÓRICOS DA CIDADE DE CODÓ, MARANHÃO

Jeiciane Emanuele de Almada Fortes
Joerlison Roniere Farias Souza
Maria Eduarda Mesquita Rodrigues

Nome do entrevistado: Raimundo de Jesus Pereira de Nascimento

Ano do nascimento: 1946

Gênero: Masculino

Ocupação: Aposentado

Biografia: Raimundo de Jesus Pereira de Nascimento, nasceu em 1946, no município de Caxias (Ma), e reside no município de Codó, Maranhão. Foi registrado no estado do Maranhão, em São Luís, pois naquela época não expediam registros no município e era difícil viajar. Quando foi para São Luís alistou-se no quartel 24BC.

Figura 1 - Imagem do Senhor Raimundo de Jesus Pereira de Nascimento



Foto: arquivo das autoras/es deste capítulo.

Contextualização inicial

Sabemos que cada cidade e estado possuem lugares próprios que contam história e momentos marcantes na vida de cada habitante que ali reside. Histórias estas, ricas em memórias sendo boas ou ruins, mas que essas lembranças fazem parte daquele lugar e que são de grande referência para o local. Cada um de nós temos lembranças de onde vivemos e passamos, que ficam registrados em nossas memórias e que carregamos ao longo da nossa vida.

Logo, essas histórias estão ligadas, muitas das vezes, aos pontos turísticos presentes no local em que moramos. Os pontos turísticos trazem consigo um apanhado de histórias e memórias de um passado não tão distante, mas presente na vida da população, logo, são referências a serem mostradas e levadas para o conhecimento, não só dos cidadãos habitantes do local, mas aos turistas que ali visitam.

Desse modo, os pontos turísticos são de extrema importância para o mundo todo e essa importância não é diferente para o Maranhão, mais precisamente para a cidade Codó, onde esses locais turísticos se tornam únicos e marcam a história. No território codoense há diversos pontos turísticos que são bem conhecidos pela população, como por exemplo: A antiga fábrica de tecidos, a Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão; a antiga Estação ferroviária e, também, outro ponto é a praça de São Sebastião, conhecida como praça Palmério Cantanhede e praça do Viveiro.

Portanto, todos esses locais são patrimônios culturais da cidade de Codó e são ricos em lembranças e histórias para se contar. Nesta sessão, apresentamos um pouco da história e descrevemos a importância e impactos que estes lugares tiveram e ainda têm na cidade. A apresentação será feita por intermédio de uma entrevista feita com um morador da cidade.

Antiga fábrica de tecido - Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão

A antiga fábrica de tecidos de Codó, também conhecida por Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão, foi um lugar marcado de história e de importância para a população codoense. Segundo o autor Oliveira (2019, p. 422) “A vila codoense foi beneficiada com uma fábrica que produzia desde tecidos (seu principal produto) à extração do óleo do coco babaçu (fruto da vegetação típica e predominante das matas codoenses)”.

Figura 2 - Imagem da antiga fábrica de tecidos de Codó



Fonte: *Codó Noticiais* (2022), Jeferson Abreu

Atualmente, a antiga fábrica passou por algumas modificações durante o mandato do ex-prefeito de Codó, Francisco Nagib. No espaço da antiga fábrica foi construída uma escola cívico militar, denominada Liceu Codoense Nagib Buzar, educandário de grande importância para a cidade de Codó.

Figura 3 - Imagem atual da escola Liceu Codoense Nagib Buzar, construída nas ruínas da antiga fábrica de tecidos



Fonte: *Noticiais* (2020), Marco Silva

O entrevistado Raimundo de Jesus, mesmo não sendo codoense, nos relatou sobre suas vivências e saberes sobre a antiga fábrica. Raimundo nos conta que a fábrica possuía 300 funcionários e que a mesma precisava funcionar a troco de caldeiro, com fogo queimado à lenha. A fábrica precisava desses operários para trabalharem na caldeira e na tinturaria.

Além disso, o senhor Raimundo relatou que dentro da fábrica ainda existe uma roda muito grande e os galpões, tudo com colunas de ferro. Segundo o entrevistado ainda existes dois no local e nunca mexeram, cujos materiais foram comprados na Inglaterra. Ele destaca algo que sempre lhe chamou atenção, é uma calha que nunca enferrujou, algumas outras enferrujaram, mas esta calha nunca enferrujou, até hoje, a tal calha está no local.

Segundo o senhor Raimundo relatou que:

[...] a fábrica realmente existiu e eles faziam tecidos e vendiam, tinha a chaminé que saia a fumaça das caldeiras. Nessa época trabalhava muita gente, eu conhecia os diretores, naquela época os povos daqui trabalha na fábrica, não tinha muita gente e dependiam do trabalho da fábrica.

Ademais, ao perguntarmos sobre o motivo do nome da fábrica, ele nos falou que não sabe explicar, mas esta fábrica também tinha em Caxias e em São Luís e que não sabe se veio de Portugal se é inglês ou francês, no entanto, relatou que antigamente era manufatureira e agrícola e hoje, Ricardo Archer mudou e se denomina manufatureira agrícola e imobiliária. Logo, durante sua fala ele destaca algo interessante, que a fábrica possuía um relógio e que era importante para a população de Codó.

De acordo com o senhor Raimundo:

Quando era meio dia, o relógio batia 12 pancadas, uma hora era 1 pancada, até à noite se escutavam as pancadas, todo mundo sabia a hora aqui em Codó, todo mundo escutava.

Ele completa, falando que o relógio chamava a atenção de todas as pessoas e que era importante, relata que quando dava o horário de 3 horas da tarde, o relógio dava 3 pancadas e que parava um pouco para o café com pão dos funcionários. Também, conta que:

Minha irmã trazia os pães e eu ainda comia, o padre todo início do ano fazia a missa lá na fábrica e faziam pão, era muita fartura na época.

Ao finalizarmos com a última pergunta, indagamos sobre a importância da manufatureira para a cidade de Codó. Raimundo respondeu que a mesma foi importante pois ofertou muito emprego aos cidadãos de Codó, ele relata também que o local era importante pois a fábrica utilizava água do rio Itapecuru e de acordo com ele: “tinha um cano que vinha água para abastecer a fábrica e também para a gente, até no chafariz que tinha na praça, tem a rua da bomba que tem esse nome por causa da bomba onde tinha os canos”.

Estação ferroviária de Codó

Figura 4 - Imagem atual da estação ferroviária de Codó



Fonte: *Descobertas do Thelmo* (2017), Thelmo Lins

Outro ponto turístico e marcante na cidade Codó é a antiga estação ferroviária, que traz consigo muitas lembranças e histórias para se contar. Dito isto, senhor Raimundo cheio de sabedorias falou um pouco dos seus saberes sobre a ferroviária, ele nos conta que em 1952, quando sua irmã se casou, ele veio para ficar com ela, o primeiro transporte que pegou foi a “Maria fumaça”, trem a vapor. Quando o senhor Raimundo veio para Codó, era garoto, tinha entre 5 e 6 anos e quando ele avistou o trem pensou: “Eu não vou entrar naquela coisa”, disse que ficou com medo.

Figura 5 - Imagem da antiga estação ferroviária de Codó



Fonte: *Codó Noticiais* (2022), Jeferson Abreu

Ademais, seu Raimundo veio de trem e disse que era um trem de passageiros e que, atualmente, é somente trem de carga. O Senhor Raimundo contou que o trem pegava passageiros de Teresina a São Luís e passava em Codó, Coroatá, Timbiras, Pirapemas, Itapecuru, Rosário, Caxias e Timon. Relatou-nos que cada estação possuía uma caixa d'água para abastecer, pois o trem funcionava a vapor e precisava da água para aquecer, caso contrário, não funcionava. Atualmente o trem de carga funciona a óleo e antigamente era só a lenha que possuía na caldeira e precisava da água.

Ao finalizar a exposição dos conhecimentos sobre a estação ferroviária, o senhor Raimundo destacou a seguinte fala:

A estação também era um meio de vida das pessoas que vendiam comida, café, água, toda vez o trem passava lá 10:30 e todo mundo ia para lá, foi muito importante pra Codó, foi um meio de comunicação, de transporte,

foram muito importantes a fábrica e a estação. O único meio de transporte era aquele ali.

Praça de São Sebastião/Viveiro

Figura 6 - Imagem atual da Praça de São Sebastião/Viveiro



Fonte: *Codó Noticiais* (2022), Jeferson Abreu

A praça de São Sebastião, conhecida também como Viveiro ou Palmério Cantanhede é um outro ponto turístico de relevância para o município de Codó, espaço que muitas pessoas visitam todos os anos. Sendo assim, o último ponto turístico de Codó, apresentado pelo senhor Raimundo de Jesus é a praça. Ele relatou que o primeiro nome registrado em documento, era “Praça Palmério Cantanhede”, antiga praça do Viveiro, a qual hoje é denominada praça de São Sebastião, devido ao santo padroeiro da igreja.

Figura 7 - Imagem da praça de São Sebastião/Viveiro antes da reforma



Fonte: Agencia Notícias (2017), Erly Silva

O entrevistado nos descreveu algumas características da praça antiga e aspectos da praça atual:

[...] ela era terra cheio de mato e bem no meio de frente a igreja, tinha as festas de São Sebastião que era tudo feito ali, os Arraiá davam muita gente, já fizeram um cinema naquela praça, aí depois que o Reinaldo Zaidan fez o nivelamento nela todinho, quando o Nagib pegou já estava toda nivelada, tinha uns bancos bem feitos branquinhos aí o pessoal foi tudo destruindo esses bancos.

Finalizando sua fala sobre a praça, seu Raimundo destaca que a praça possui o nome de Viveiro porque fizeram um Viveiro no local e colocaram muitos animais como jabuti e macaco. Segundo o senhor Raimundo “A praça é importante porque é um cartão postal de Codó, tem aquela escola que é muito importante, vinha muita gente para a praça, era local de lazer e até hoje têm meninos que jogam bola e fazem exercícios lá”.

Referências

ABREU, Jeferson. Conheça a história de Codó através das fotos antigas e atuais da nossa cidade que completa 126 anos. **Codó Notícias**. Disponível em: <https://www.codonoticias.com.br/2022/04/conheca-a-historia-de-codo-atraves-das-fotos-antigas-e-atuais-da-nossa-cidade-que-completa-126-anos/>. Acesso em: 02 dez. 2022.

OLIVEIRA, Davi Benvindo de. A História talhada na memória: a Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão e o operariado de Codó (A). **Contraponto**, v. 8, n. 1, 2019.

LINS, Thelmo. **Brasil Profundo 8 - Codó**. Descobertas do Thelmo. Disponível em: <http://descobertasdothelmo.blogspot.com/2017/02/pelo-cronogramaoriginal-da-viagem-pelo.html>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SEATI. Governador vistoria entrega de obras e anuncia investimentos em Codó e Buriti, nesta quarta-feira (26). **Agência de notícias**. Disponível em <https://www3.ma.gov.br/agenciadenoticias/?p=189170>. Acesso em: 02 dez. 2022.

SILVA, Marco. “Uma das mais belas escolas do Maranhão”, afirma Flávio Dino sobre o Liceu Codoense. **Marco Silva Notícias**. Disponível em: <https://www.blogdomarcosilva.com.br/uma-das-mais-belas-escolas-do-maranhao-afirma-flavio-dino-sobre-o-liceu-codoense/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

TEMA 10: REMÉDIOS

REMÉDIOS NATURAIS MEDICINAIS, CODÓ (MA)

Elivane de Sousa da Silva
Juliana Nascimento Assunção Azevedo
Karine Evely Pereira da Silva

Remédios naturais: a cura está nas plantas

Os remédios naturais caseiros são de suma importância, principalmente, para aqueles que buscam soluções mais práticas e sem aditivos químicos, ou seja, medicamentos de drogarias (farmácias). Tais práticas são comuns entre os povos e também entre outros povos de culturas milenares. Há pelo mesmo quatro mil anos, os chineses receitavam para doenças de pele cascas de gafanhoto; para náuseas, uma colher de terra queimada; para fraqueza física, pele seca de tartaruga; para febre alta, uma colher de chifre de rinoceronte; para hemorragias, caldo de ossos de tigre ou suco gelatinoso de pele de mula. Percebe-se então as virtudes terapêuticas de centenas de plantas.

Na antiguidade clássica, Hipócrates somente aconselhava medicamentos vegetais. Assim, para sinusite, inalações com camomila; impotência sexual, combinação de alecrim, chapéu de couro e catuaba; hemorroidas, banhos de assento com castanha da Índia; acelerar a menstruação, infusão de canela; gases, chá de funcho; espinhas, lavar o rosto com chá de bardana; dor de cabeça, semente de citros ou boldo da terra; herpes, infusão de salsaparrilha; má circulação, castanha da Índia, cistite, banho com vinagre; cicatrização de feridas, casca de jatobá; laxativo, sene com cascará sagrada, etc.

No período do Brasil colonial, enquanto as irmandades mais ricas mantinham médicos nas áreas urbanas, as mais pobres resolviam seus problemas com os chamados boticários. Todavia, foi com a sabedoria dos povos indígenas e a experiência dos negros, sobretudo, das mulheres, que as classes mais carentes foram atendidas, principalmente, na decadência da extração do ouro, segundo estudos de Gomes (2011).

Neste capítulo, apresentamos relatos de pessoas da cidade de Codó, mulheres que até hoje fazem e indicam receitas de remédios caseiros, cujo uso é uma prática muito comum na região. Nossos avós preparam receitas medicinais caseiras à base de plantas e nós preservamos esta tradição, fazendo um chazinho caseiro de boldo para estômago ou até mesmo, um chazinho de camomila para controle da ansiedade entre outros males.

Na sequência, apresentamos alguns relatos de mulheres codoenses sobre essa prática e como preparam alguns remédios caseiros comuns na região.

Nome da entrevistada: Ana Emília Ferreira de Almeida

Data de Nascimento: 05/01/1971

Gênero: feminino

Ocupação: Professora na Educação Infantil

Filiação: José Gomes de Almeida e Raimunda Ferreira

Estado civil: Casada

Biografia: Ana Emília é mãe de dois filhos, é avó, é católica e participa de vários grupos de missão dentro da paróquia. É animadora de comunidade e aprecia a natureza, gosta de tudo que ela proporciona, foi através do contato com a natureza que começou o seu interesse por plantas, principalmente, as medicinais.

Dona Ana Emília Ferreira de Almeida é residente na rua da Paz no bairro, Trizidela. Conta que foi a partir 1990, que despertou a curiosidade para aprender mais sobre as plantas medicinais, foi através de grupos da paróquia que ela participava. Eram realizadas diversas palestras sobre aproveitamento das cascas das frutas e das

verduras, para preparar outros alimentos, sendo, também, uma maneira de conscientizar as pessoas a não desperdiçarem os alimentos. Relata que as irmãs, também davam dicas de uso das plantas medicinais. Ela então iniciou-se nessa prática junto com as irmãs da paróquia, também com Conceição Cruz e outras líderes. Relata que tinha uma função dentro da paróquia, com o grupo de aprendizagem, lá ensinavam a reaproveitar os alimentos e ensinavam os cuidados com as plantas, ofereciam também dicas de remédios caseiros.

Ela diz que o amor e a curiosidade lhe motivaram a aprender desde cedo a fazer essas misturas medicinais caseiras. O tipo de remédios mais produzido por ela é o lambedor caseiro, que é feito com ervas e com diversos tipos de cascas, tais como angico preto, pau chapada e folhas para fazer a garrafada. Esta garrafada é feita com folhas verdes. Ela conta que pega várias folhas que servem para diversos tipos de enfermidades, como as inflamações que as mulheres se queixam e também, os homens também. O trabalho da garrafada é feito com muito cuidado porque não são todas as folhas que se pode misturar.

“Você precisa ter cuidado e conhecimentos, pois é uma coisa que você vai dá para um ser humano, que ele quer ficar curado, então é preciso esse cuidado de como fazer esse remédio”. Ela explica: “o lambedor é feito com as cascas, usamos também a rapadura, colocamos também mel e tudo isso envolve todo o processo de cura da tosse forte, asma”. Ela relatou que seu filho tinha asma quando era criança e foi curado com o tratamento do remédio que a mesma faz. “Colocamos também um mangará de banana que é muito bom, ele serve tanto pra você fazer o lambedor, como alimento que você pode fazê-lo recheado com sardinha ou carne moída”.

Segundo os estudos científicos os remédios caseiros ajudam a curar várias doenças.

Dona Emília relatou sua experiência com pessoas que foram curadas, fazendo uso desses medicinais caseiros.

Sim, como tenho uma grande experiência, trabalhei na creche das irmãs Palotina uns anos, e lá sempre fazíamos esse trabalho de remédios caseiros, até pomada fazíamos das folhas do mastruz, porque as crianças que entravam nesse tempo, elas tinham uma coceira e também usávamos outro tipo de remédio caseiro que é o lambedor feito com casca de abacaxi e beterraba com a rapadura, o mangará de banana, e as mães sempre agradeciam porque fazia aquela cura mesmo nas crianças, o meu próprio filho é um exemplo que foi curado com o lambedor do mangará de banana.

Ela nos contou que está no mercado local desde 1990, que sempre preparou esses remédios e que nunca deixou de atender as pessoas que a procuram, “sempre faço as garrafadas por encomenda”. Relatou que o xarope lambedor é o mais procurado pelas pessoas, inclusive foi bastante procurado no período pandêmico, que teve o Corona Vírus com a tosse e o cansaço.

Por fim, perguntamos a opinião dela sobre a importância da venda desses remédios naturais no comércio local de Codó.

E ela afirma: “é sim de muita importância, pois aqui na cidade de Codó o clima é muito quente, as pessoas acabam adoecendo fácil e quem não quer procurar remédios químicos de farmácia, hospital, procura uma solução mais natural e caseira.”

Figura 1 - Imagem: Dona Ana Emília e as discentes responsáveis Karine Evelly, Juliana Nascimento e Elivane



Fonte: arquivo das autoras deste capítulo.

Figura 2- Imagem do medicamento, lambedor caseiro



Fonte: arquivo das autoras deste capítulo.

Figura 3- Imagem: Dona Ana Emília suas produções e sua doce simpatia



Fonte: arquivo das pesquisadoras

Receitas

Lambedor caseiro

Ingredientes:

- Angico;
- Jatobá;
- Casca de pau chapada;
- Mangará de banana;
- 1Kg de açúcar;
- 1 Rapadura.

Modo de preparo:

Em uma panela, lave todos os ingredientes e coloque para cozinhar, coloque água na panela contanto que essa água cubra todas os ingredientes, podendo acrescentar, também, uma laranja. Lave ela e corte com casca e tudo, põe pra cozinhar. Em seguida, coe a mistura e assim que esfriar, leve ao fogo novamente, depois de cozido, coloque 1 kg de açúcar e a rapadura. Vá cozinhando até chegar no ponto de melado, aí é só deixar esfriar e colocar o líquido em garrafas de vidro e está pronto o lambedor.

Lambedor caseiro com folhas

Ingredientes:

- Folha de algodão;
- Folha de gervão;
- Mastruz;
- Folha Santa Filomena;
- Água.

Modo de preparo:

Primeiro você lava tudo bem lavado, corta em pedaços pequenos, em seguida, passa tudo no liquidificador, coa, peneira na peneira fininha e armazena na garrafa. Caso fique muito forte, acrescente mais um pouco de água, tampe e coloque na geladeira, sem cheirar e sem agitar.

Pomada da folha do mastruz

Ingredientes:

- 2 velas;
- 1 copo de óleo;
- 1 pequena quantidade do mastruz seco pelo sol ou pode torrificar as folhas em uma panela.

Modo de preparo:

Pegue as folhas do mastruz, sem os talos, só as folhinhas. Torre e peneire. Coloque a gordura pra esquentar e coloque a vela dentro do óleo quente, junto com o pó do mastruz (folhas torrificadas e peneiradas). Tire a linha da vela e quando esfriar um pouco coloque a mistura em um recipiente e está pronta a pomada.

Pomada do alho

Ingrediente:

- 1 cabeça de alho;
- 1 vela.

Modo de preparo:

Corte todo o alho bem picadinho e coloque para fritar em uma panela com óleo, quando o alho estiver bem torrado, pode tirar o alho e peneirar, colocando junto com a vela derretida. Retire a linha, misture com o alho e deixe esfriar um pouco, antes de armazenar em um recipiente e estará pronta a pomada de alho.

Nome da entrevistada: Francisca Braz de Sousa da Conceição

Data de Nascimento: 28/12/1973

Gênero: feminino

Ocupação: Aposentada

Biografia: A senhora Francisca Braz reside na Rua Pará, Bairro São Raimundo da cidade de Codó; separada, tem um filho, porém, não foi ela quem cuidou e sim sua irmã, que começou a cuidar dele desde os dez anos de idade, assim que ela se separou do seu primeiro relacionamento com quem ela teve seu filho. Logo após a separação, voltou para morar com seus pais, dez anos depois conheceu uma pessoa e foi morar na zona rural, onde morou vários anos. Em 2013, retornou para Codó, em 2019 se separou do seu segundo relacionamento. Hoje, mora sozinha, Dona Francisca gosta de ajudar as pessoas, gosta da natureza, gosta de fazer novas amizades e gosta de plantas.

Diante da fala da primeira entrevistada, percebemos a importância dos remédios caseiros para o tratamento e a cura de diversas doenças. Durante nossas entrevistas, percebemos na fala de algumas entrevistadas que há quem não acredite na eficácia das plantas medicinais. Sabemos que hábitos e costumes vão se transformando no decorrer do tempo e que a procura por remédios caseiros diminuiu, atualmente, até por que os remédios caseiros eram mais utilizados por pessoas de mais idades, simplesmente pela questão do costume. A nossa segunda entrevistada disse que sentiu o desejo de aprender sobre remédios caseiros, depois que sua mãe teve um AVC, e que para o tratamento foi recomendado, pelas pessoas mais idosas, plantas medicinais e até pelos próprios

médicos que a acompanhavam. Como foi ela quem cuidou o tempo todo de sua mãe, percebeu a eficácia das plantas medicinais, mesmo com recuperação lenta, sua mãe conseguiu movimentar membros que tinham sido afetados pela doença. Relata:

Eu aprendi a fazer remédios caseiros desde os 27 anos de idade, depois que minha mãe teve um derrame (AVC), muitas pessoas que iam visitar ela, falavam que para o tratamento dela o mais indicado era remédios caseiros. A partir daí que começou o meu desejo em aprender a fazer garrafadas, a receita que as pessoas me ensinavam eu fazia para minha mãe eu ia aprendendo e repassando para outras pessoas que tinham o mesmo problema dela, tinham alguns ingredientes que não tinha próximo a mim eu fazia com a que eu tinha mais facilidade para encontrar no mercado e até mesmo no quintal de minha casa e dos vizinhos.

Ingredientes para a garrafada do tratamento de AVC

- Três folhas de lima.
- Coloca-se para cozinhar em três litros de água.
- Deixar secar a metade da água até ficar só em um litro.
- Depois, acrescentar um vidro pequeno de aguardente (o famoso jalapão).
- Tomar uma vez ao dia, pode ser usado para fazer massagem no corpo.

Com o decorrer do tempo, Francisca Braz aprendeu a produzir outros tipos de remédios para o tratamento de outras doenças, por exemplo, para as mulheres que sofriam com ovários policísticos, miomas e outras complicações. O uso desses remédios ajuda a aliviar os sintomas do ovário policístico, a regular o ciclo menstrual ou até mesmo a engravidar.

Ela explica como prepara a receita desta garrafada.

Ingredientes:

- Folha do algodão;
- Casca seca da aroeira;
- Raiz da chanana;

- Raiz do cansanção branco.

Modo de preparo:

Coloque tudo para ferver e acrescente duas colheres de açúcar. Em seguida, coloque pra pegar sol e sereno durante três dias.

Deve-se tomar a mistura todos os dias antes do café.

A próxima receita é para o tratamento da gripe, segundo Dona Francisca Braz.

Ingredientes:

- Casca do Jucá;
- Leite da moreira;
- Folha de sena.

Modo de preparo:

Misture a casca do jucá com o leite da moreira, mais a folha da sena. Coloque para cozinhar. Após o cozimento, deixe no sereno e no sol durante três dias e estará pronto.

Deve-se tomar apenas uma vez ao dia, antes do café.

A próxima receita indicada pela Dona Francisca é para má digestão, quando a comida não cai bem no estômago, ou tem-se a sensação de estômago cheio.

Chá da folha do mororó

Ingredientes:

- Folha de mororó (de preferência amarela);
- Suco de uva.

Modo de preparo:

Ferva a água em um papeiro, coloque as folhas do mororó para cozinhar junto e, por fim, misture o chá da folha do mororó junto com o suco da uva.

Deve-se tomar esta mistura, depois do almoço e depois do jantar.

Biografia de Pureza de Fátima Rodrigues Soares

Figura 5 – Imagem de Dona Pureza de Fátima Rodrigues Soares



Fonte: arquivo das pesquisadoras

Nome da entrevistada: Pureza de Fátima Rodrigues Soares

Data de Nascimento: 24/06/1954

Gênero: feminino

Ocupação: Aposentada

Biografia: Dona Pureza é viúva, evangélica, mãe de cinco filhos, natural de Timbiras. Mudou-se para a cidade de Codó ainda criança. Atualmente, reside na Travessa Maria Quitéria, bairro São Raimundo.

Pureza de Fátima iniciou sua experiência com remédios caseiros há 41 anos atrás, quando se encontrava num momento muito difícil com seu filho. Na época, ele tinha cinco anos idade e apresentou uma dor de cabeça muito forte e frios, foi levado para o hospital (antigo SESC), mesmo tomando as medicações passadas pelos médicos, seu filho não apresentava melhoras. Ela retornou para casa e ficou pensando o que podia fazer para que ele ficasse bom, foi quando ela decidiu fazer um chá de folhas de plantas que tinha no seu quintal, e aos redores de sua casa, mesmo sem ter nenhum conhecimento em relação às propriedades das folhas, se as mesmas poderiam causar

algum efeito colateral, ela arriscou e nesse momento ela relata que se apegou com Deus e disse que se seu filho ficasse bom, ela faria remédios para qualquer pessoa que chegasse em sua casa sem nenhum custo. Por incrível que pareça, a criança se recuperou da dor de cabeça. Diante de tudo isso, ela começou a fazer garrafadas e nos relatou que os remédios que faz tem curado várias pessoas. Hoje ela é bastante procurada pelas e nunca diz não. Relata que há pessoas que insistem para ela receber pagamento, o que sempre recusa. Quando a pessoa insiste muito, ela recebe pra comprar ingredientes para fazer garrafadas pra ajudar outras pessoas que necessitam desses remédios.

Ingredientes da garrafada para prisão de ventre e os rins

- Folha da cana da Índia;
- Quebra pedra(raiz);
- Folha do Parir;
- Folha de algodão;
- Bacuralzinho;
- Chanana(raiz);
- Pinhão branco (o galho).

Modo de preparo:

Lave todos os ingredientes bem lavados e cozinhe tudo junto, ou pode ferver a água e depois só colocar os ingredientes dentro da água fervente e abafá-la, deixando em infusão.

Ingredientes da garrafada para anemia (até mesmo para o colesterol)

- Casca do jatobá (melhor entre casca).

Modo de preparo:

Lave a casca do jatobá bem lavado, coloque água para ferver, após fervida, coloque em um vidro (pode ser um vidro daqueles que se usa para colocar bombom). Esterilize bem o vidro antes de usar.

Depois coloque a casca do jatobá dentro do vidro com a água fervente e tampe, deixando-o passar de 4 a 5 dias. Depois de passar esses dias é só retirar a casca e deixar mais alguns dias até ficar na coloração da cor de um café, ou mais escuro.

Ingredientes para dor de cabeça não conhecida do filho de Dona Pureza

- Casca de ata mexu;
- Casca de laranja da terra;
- Folha de abacate;
- Casca ou folha do pé de carambola;
- Chanana(raiz);
- Quebra pedra(raiz).

Modo de preparo:

Deve-se cozinhar todos os ingredientes, quando esfriar, tomar um copo.

Ingredientes do xarope para gripe (catarro nos peitos)

- Angico(casca);
- Coronha (casca ou a fruta sendo verde melhor);
- Babosa (usar a baba);
- Crista de galo;
- Gervão;
- Imburana;
- Alho;
- Cebola roxa;
- Raiz do açafraão.

Modo de preparo:

Deve-se cozinhar, não por muito tempo, para colocar no mel e chacoalhar para misturar tudo.

Ingredientes de garrafada para inflamação

- Janaúba(leite);
- Pinhão;
- Inhame(casca);

- Melão de São Caetano(galho).

Modo de preparo:

Lave as plantas e cozinhe tudo. Tomar depois de frio.

Ingredientes para asseio para inflamação

- Casca da manga bem amarelinha;
- Candeia.

Modo de preparo:

Lave bem a casca da manga, de preferência lave uma segunda vez com bicarbonato, para retirar toda impureza. Depois da casca lavada é só cozinhar e colocar em litro ou qualquer recipiente com tampa. Deve ser usado logo após o banho. Se preferir pode fazer o uso interno, com o auxílio de uma seringa própria e jogar dentro, se tiver alguma coisa no útero, como ferida, vai sarar.

Referências

GOMES, Mário Cândido de Oliveira. Remédios caseiros ou naturais. In: **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 13, n. 3, p. 31 - 32, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/6861>.

Encontramos aqui histórias contadas pelos/as próprios/as moradores/as de Codó, que contam e visibilizam aspectos variados das diferentes culturas que encontramos nessa cidade. Podemos ver sendo constituídos aqui saberes históricos a partir das próprias experiências dos indivíduos, trazendo para as narrativas elementos de relações históricas e socioculturais. Um trabalho de pesquisa feito pelos/as estudantes da Universidade Federal do Maranhão. Coordenado pelo Professor Dr. Danilo Araujo de Oliveira e pela Professora Dra. Cristiane Dias Martins da Costa.

